



PRÁTICAS DE = EDUCAÇÃO INCLUSIVA =

Experiências de educação em Ibiraju e Fundação para a inclusão

Esta publicação é fruto do projeto Educação Inclusiva, uma iniciativa da Fundação Vale em parceria com a Associação Imagem Comunitária (AIC) e as prefeituras municipais de Ibirajú e Fundão, no Espírito Santo.



PRÁTICAS DE = EDUCAÇÃO INCLUSIVA =



Experiências de educação em Ibirajú e Fundão para a inclusão

Agradecemos às prefeituras municipais de Ibirapu e Fundão, no Espírito Santo. E agradecemos, em especial, a todas as educadoras e educadores que tornaram esta publicação possível:

Adriana Bromonschenkel Lima, Adriana Fiorotti, Adriana Moreira Salles, Adriana Santiago Tavares, Adriano Santiago, Aldicéa Gomes Pereira, Aline da Conceição Braga, Ana Isaura Pimentel, Ana Lúcia Botan Lopes, Ana Sílvia Vitorino Freitas, Camila Galdino, Cesar Felipe Cumin do Nascimento, Claezi Demonel dos Santos, Cleide Pereira, Cláudia Valéria Giacomini, Cristina da Penha Fávaro Rudio, Cristiana Gomes Coutinho, Dandara Eduarda do Amaral Corrêa, Deliana Barbosa da Silva, Denise Magaly Bertolini Garcia, Dilza Gustavo da Vitória, Éder Gomes, Edinéa Lucia Monteiro, Edna Goretti Piol, Éguina Celestrino Tregnago, Elane Gomes Schwenck, Eliana Bitarães, Eliane Severo Rodrigues, Elidiany Demuner, Elisângela Dutra de Souza, Emília Maria da Silva Madeira, Elza Nieiro, Fernanda Aparecida da Silva, Fernanda Barroso Bustamante Nascimento, Fernanda da Silva Giacomini, Franciani de Oliveira Correia, Franklin Rodrigues Matos, Gabriella Induzzi Moro, Gabriela Bravo Canicali, Gêselly Bonis de Jesus, Grazielli Daleprane de Jesus Comper, Irani Vieira Mota Lima, Janiny Maria Possatti, Jasykeli Vergna Martins, Jociane da Silva Gonçalves Minchio, Josiane Gonçalves, Joelma Dias Rocha, Josane de Almeida Cypreste, José Rubens Rocha Júnior, Josirley de Bortoli, Júlia Augusta Vergna Bragatto, Katilene Andrade do Nascimento Zanoni, Laercio Carlos Barbarioli Furieri, Leticia Ramos Magalhães Nascimento, Lívia Santos Castro Rodrigues, Lubieska Maria de Carli Torri, Luciana Siqueira Monteiro

Rodrigues, Luciana Maria Cuzzuol, Luciana Moro, Luciene Cândido Ramos, Lucinéia de Souza Neves Dias, Lucinea Graciotti de Jesus, Luiza Arlém, Luzia Fernandes da Costa, Magda Bromonschenkel Tofoli, Márcia Aparecida Lino Vieira, Márcia Regina Rodrigues de Matos Baioco, Maria Adélia Braga, Maria Benedita Pereira Igidio, Maria Cecília da Silva Mattos, Maria Liduina de Sousa, Maria de Fátima Nascimento Netto, Maria de Lourdes Bernabé Patuzzo, Maria Firme da Silva Meira, Maria Luiza Assunção dos Santos, Mariana dos Santos de Souza Piol, Marilda Borges Lima Cabral, Marli de Barros, Marlúcia Lopes, Mércia Luiza Lino de Jesus, Moara Bossatto Foresti, Neuza das Graças Rodrigues Pimentel, Nilzete Soares Borges, Noemia Alves Ferreira, Ormi do Nascimento, Orleide Gozzer Pignaton, Patrícia de Andrade, Patrícia Vieira, Priscila Rodrigues Pimentel Ramos, Regiane Nascimento Favarato de Carli, Rita de Cássia Carvalho Silva, Rita Eulália Ferreira Basílio, Rosana Coutinho Nunes, Rosana da Silva Cruz Estefaneli, Rosangela Mara Garcia Pereira, Rosyleila Natale dos Santos, Rute Fagundes Barbosa, Sandra Cristina Cerri Suella, Scheila Bitarães Pereira, Simone Maria Efigênia de Moraes, Sirlane Gomes, Solange Agostini, Sônia Maria dos Santos Pereira, Taciani Borlini Folli de Bortoli, Téia de Carli Nunes, Thaís da Silva Mattiuzzi Gouvêa, Thatiane Freitas Dutra, Vanda Dias Santos Schultz, Vanessa Aprigio de Oliveira Aliprandi, Valéria Lima Vieira, Vânia Maria de Almeida Nunes, Wanda Maria Falcão Rodrigues.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	p. 7
INTRODUÇÃO.....	p. 11
PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	p. 19
OBJETOS DE APRENDIZAGEM.....	p. 20
Deficiência motora.....	p. 23
Painel de Motricidade.....	p. 26
Varal montessoriano.....	p. 28
Jogo de encaixe.....	p. 30
Mãos sensoriais.....	p. 32
Árvore de números.....	p. 34
Caixas para empilhar.....	p. 36
Encaixe de letras.....	p. 38
Bocha adaptada.....	p. 40
Texto fatiado.....	p. 42
Boneco de balão.....	p. 44
O voo do anjo azul.....	p. 46
Rolinhos sensoriais.....	p. 48
Caça-palavras reciclado.....	p. 50
Bilboquê reciclado.....	p. 52
Atividade com bambolê.....	p. 54
Pescaria silábica.....	p. 56
Engrossador de lápis.....	p. 58

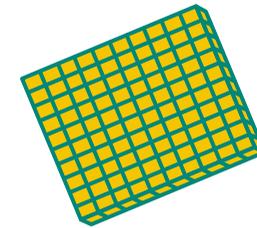
Deficiência visual.....	p. 61
Ábaco com botões e miçangas.....	p. 64
Labirinto.....	p. 66
Jogo da velha tridimensional.....	p. 68
Jogo da velha de EVA.....	p. 70
Cubo mágico sensorial.....	p. 72
Mapa sensorial das regiões.....	p. 74
Mapa sensorial do Brasil.....	p. 76
Caixas de coordenação visomotora.....	p. 78
Corpo humano em feltro.....	p. 80
Roleta numérica em braile e árabe.....	p. 82
Caixa para contar.....	p. 84
Formas geométricas táteis.....	p. 86
Jogo da memória auditivo.....	p. 88
Caixa interativa.....	p. 90
Bolsa ou caixa numérica.....	p. 92
Caixa geométrica.....	p. 94
Algarismos.....	p. 96
Relógio braile.....	p. 98
Cadê o par?.....	p. 100
Dado didático em braile.....	p. 102

Deficiência auditiva.....	p. 105
Jogo da memória em libras.....	p. 108
Dominó com caixa de leite.....	p. 110
Caixa do alfabeto e números em língua de sinais.....	p. 112
Bingo dos verbos.....	p. 114
Autoditado ou ditado mudo com caixa surpresa.....	p. 116
Coleta seletiva em libras.....	p. 118
Emocionômetro.....	p. 120
Placas para sinalização do ambiente escolar.....	p. 122
Deficiência intelectual.....	p. 127
Caixa de coordenação motora.....	p. 130
Rolos de leitura.....	p. 132
Brincadeira do sopro.....	p. 134
Jogo das mãos.....	p. 136
Quadro valor de lugar.....	p. 138
Chinelada na barata.....	p. 140
Caixa de subtração.....	p. 142
Bingo do alfabeto.....	p. 144
Texto fatiado.....	p. 146
Sequência de formas e cores.....	p. 148
Jogo de boliche.....	p. 150
Jogo das cores.....	p. 152
Pião silábico.....	p. 154
Letras do nome.....	p. 156
Primeiros numerais.....	p. 158

Máquina de somar.....	p. 160
Forme palavras.....	p. 162
Ábaco aberto.....	p. 164
Bingo das sílabas.....	p. 166
Caixa das cores.....	p. 168
Quebra-cabeça das emoções.....	p. 170

PRÁTICAS ESCOLARES INCLUSIVAS.....	p. 173
Preservação ambiental e inclusão.....	p. 174
<i>Bullying</i>	p. 176
Conscientização ambiental.....	p. 177
Torneio esportivo inclusivo.....	p. 180
Meio ambiente.....	p. 182
Os três porquinhos com utilização do quadro flanelógrafo.....	p. 184
Diversidade na Escola.....	p. 186
Libras no cotidiano escolar.....	p. 188
Bingo ortográfico.....	p. 192
Uma nova percepção.....	p. 194
Humanização do espaço escolar.....	p. 196
Sensibilização para a inclusão.....	p. 197

MAIS CONTEÚDOS PARA PROMOVER PRÁTICAS INCLUSIVAS.....	p. 201
ANEXOS.....	p. 210
REFERÊNCIAS.....	p. 212



APRESENTAÇÃO

Nas duas últimas décadas, foram publicados no Brasil vários documentos e legislações que, pouco a pouco, redesenharam as políticas educacionais e iniciaram um processo redutor da exclusão ao acesso à educação. Alguns grupos minoritários foram impactados positivamente pela abertura desses processos políticos, alcançando reconhecimentos negligenciados por um longo período, além de benefícios sociais básicos. No caso das pessoas com deficiência, uma mudança notável encontra-se no reconhecimento do direito ao ensino regular em escolas comuns, o que significou o rompimento com modelos educacionais segregativos e homogeneizadores que traziam sérias consequências psicológicas, socioemocionais e culturais para os sujeitos que não se adaptavam ao padrão estabelecido e, por isso, eram excluídos e encaminhados a instituições classificadas como especiais.

Não é suficiente, contudo, ter um direito reconhecido legalmente. É preciso que haja reflexos das transformações na prática cotidiana das escolas. Para tanto, muitos ajustes e adaptações estão em curso, como reavaliações de modelos pedagógicos e curriculares e a construção de instrumentos e espaços educativos adequados ao acolhimento e à inclusão dos estudantes com deficiências nas redes públicas de ensino. Entre os elementos principais do processo de Educação Inclusiva, está o denominado Atendimento Educacional Especializado (AEE), constituído por meio da

implantação das salas de recursos multifuncionais (SRM) e dos Centros de Atendimento Educacional Especializado, voltados à realização de um trabalho pedagógico e didático dirigido a crianças com deficiência que frequentam as escolas da rede pública ou instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos. Tornar o conhecimento acessível e desenvolver habilidades básicas necessárias para o convívio social e para o cuidado de si mesmo, na perspectiva da autonomia e da liberdade, são aspectos que os centros de atendimento, por meio das SRM, procuram possibilitar aos alunos.

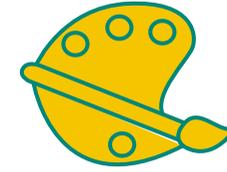
Previstas na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Secretaria de Educação Especial (SEESP), as SRM são hoje um desafio para muitas realidades escolares. Não se trata apenas da aquisição de recursos pedagógicos próprios para a aplicação de atividades inclusivas, mas também da formação docente adequada para ministrar aulas interativas, dinâmicas, abertas às capacidades e limitações dos alunos, participativas e, particularmente, formadoras para a cidadania. Ao lado disso, há que se fortalecer, igualmente, os vínculos entre a própria escola regular (e seu ritmo de desenvolvimento de conteúdos gerais) e as famílias dos estudantes. Sem que exista uma interação constante entre família e escola, o

exercício da Educação Inclusiva não se concretiza nem acontece de modo favorável ao envolvimento dos sujeitos que dela fazem uso.

Considerando tal cenário educacional, a Fundação Vale idealizou e vem implementando, desde 2017, um projeto de formação continuada para profissionais que atuam com a Educação Inclusiva, assim como oportunizou, para algumas escolas, a construção de salas de recursos multifuncionais. Em 2019, esse projeto foi levado às localidades de Ibiráçu e Fundão, no Espírito Santo. Dois objetivos principais caracterizaram a iniciativa: 1) contribuir para o aperfeiçoamento do atendimento ao aluno em situação de inclusão; 2) integrar as salas de recursos multifuncionais ao equipamento da escola, no intuito de disseminar práticas educacionais inclusivas na rede pública de ensino. Para a efetivação do projeto, partiu-se de um diagnóstico inicial, construído com base em visitas técnicas a várias escolas. Essa etapa foi fundamental para a definição dos principais locais que necessitavam de suplementação de materiais nas SRM. Com os dados analisados, elaborou-se um programa de ações formativas, alinhado à necessidade de melhorias das condições estruturais dos equipamentos escolares, a fim de que eles seguissem os requisitos técnicos definidos pelo Ministério da Educação para garantir acessibilidade e participação dos estudantes com deficiências nos processos de aprendizagem.

As experiências apresentadas nas próximas páginas, por meio da descrição de práticas e objetos de aprendizagem, foram desenvolvidas em escolas dos municípios de Fundão e Ibiráçu, no Espírito Santo. Mais do que um registro do trabalho realizado, a ideia é que elas sirvam de inspiração para iniciativas semelhantes, de modo a fomentar a afirmação de uma educação verdadeiramente inclusiva e democrática.

Boa leitura!



INTRODUÇÃO

Em agosto de 2009, o Congresso Nacional brasileiro, no caminho em prol da cidadania aberto pela Constituição Federal de 1988, promulgou, com o Decreto nº 6.949, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Por meio dessa ação, o Brasil assumiu, ao lado de outros países, o compromisso legal de “promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência” (Artigo 1). Além disso, também confirmou a defesa de princípios importantes para a inclusão com respeito à dignidade, à liberdade e à autonomia das pessoas. Dentre esses princípios, destacam-se o rompimento com quaisquer tipos de discriminação, a acessibilidade, a igualdade de oportunidades e o direito de desenvolvimento das capacidades de crianças com deficiência.

Desde a publicação do decreto, foram dados muitos passos em direção a uma sociedade mais inclusiva e não discriminatória. Houve, inclusive, a instituição do Estatuto da Pessoa com Deficiência, em 2015, a partir do qual direitos fundamentais foram mais uma vez ratificados e postos em evidência no cenário nacional. Isto chamou a atenção para o fato de que ainda é preciso conduzir um processo de inclusão social capaz de produzir sujeitos de direito, com garantia de cidadania participativa plena e efetiva no país.

VOCÊ SABIA?

Adotada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), a **Convenção Internacional sobre Direitos das Pessoas com Deficiência** veio a público em 13 de dezembro de 2006. O ponto principal da convenção é a afirmação de que devem ser assegurados, sem discriminação, a ampla gama de direitos fundamentais às pessoas com deficiência. O documento traz orientações que rompem com estereótipos, preconceitos e práticas que favorecem a produção de estigmas sociais.

No campo educacional, em específico, merecem destaque a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2008), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCNs (2010, 2013) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), todas elas frutos dos debates e posicionamentos políticos nacionais e internacionais sobre educação e direitos humanos. Cada uma delas apresenta diretrizes e orientações para o tema da Educação Inclusiva. A primeira institucionaliza uma política pública de inclusão, objetivando acesso ao ensino regular a todos os alunos com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento. Já a segunda atenta-se para as condições do oferecimento de educação de qualidade acessível a todos. Seu foco é o Atendimento Educacional Especializado (AEE), cuja função é “identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (BRASIL, 2008). As salas de recursos multifuncionais (SRM) e os Centros de Atendimento Educacional são a base do AEE. Por meio deles, o AEE promove uma formação geradora de autonomia e independência dentro e fora da sala de aula.

Por sua vez, as DCNs destacam que a Educação Especial e Inclusiva deve ser prevista no projeto político-pedagógico das unidades escolares e que os sistemas de ensino têm a obrigação de matricular todos os estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, respeitando as demandas educacionais de cada um deles. Além disso, elas também indicam a importância de se garantir as condições profissionais, pedagógicas e sociais para construção de uma sala de aula em que haja diálogo entre professor e alunos, aprendizagem interativa, interdisciplinar e inclusiva.

Por último, como documento mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) abraça os compromissos afirmados no Estatuto da Pessoa com Deficiência em uma proposta de educação integral que, orientada pelos princípios da igualdade, da diversidade e da equidade, leva em consideração a necessidade de realizar, de acordo com as especificidades e necessidades dos estudantes, práticas pedagógicas inclusivas e adaptações curriculares.

Embora sejam notórios os avanços da educação inclusiva, os desafios ainda se fazem sentir em diversas realidades escolares. Infelizmente, as legislações vigentes não têm como consequência direta a garantia do acesso, da permanência e da qualidade da aprendizagem

do aluno. E isso ocorre por várias razões, como carência de recursos, dificuldades na formação docente, desconhecimento e descumprimento das orientações nacionais, incompreensão das expectativas, particularidades e individualidades dos estudantes, distanciamento da comunidade e formalização inadequada do Projeto Político Pedagógico (PPP). As escolas e os sujeitos que as compõem são os primeiros a sofrer os descompassos entre o ideal e o real na educação. Ainda hoje, depois de anos de discussões e alterações políticas, muitas são as barreiras a ultrapassar para efetuar na prática a inclusão escolar e, assim, gerar um processo de ensino-aprendizagem que envolva estudantes, profissionais e comunidade local.

Esta publicação não pretende oferecer soluções a todo o variado leque de demandas que envolvem a Educação Inclusiva. A atenção dela se volta, em especial, à própria dinâmica de aprendizagem interativa e inclusiva em sala de aula. Organizada em dois tópicos complementares, ela apresenta parte dos resultados das oficinas conduzidas com profissionais das redes públicas de ensino de Fundão e Ibirapu, no Espírito Santo, em 2019. Tudo aquilo que é apresentado nesta publicação como proposta de ação didática e pedagógica foi experimentado – por meio de dinâmicas e trabalho em grupo – por professores que lidam com Educação Inclusiva na prática diária,

tendo que encontrar soluções para dilemas e adversidades que encontraram dentro e fora da sala de aula.

O primeiro tópico – **Práticas de Educação Inclusiva** – traz possibilidades de atividades lúdicas a serem desenvolvidas com estudantes com deficiência motora, visual, auditiva e intelectual. Os jogos e brincadeiras são compreendidos como objetos de aprendizagem, uma vez que não focam exclusivamente o ensino, mas, sobretudo, o processo construtivo da aprendizagem, juntamente das habilidades e competências que são neles desenvolvidas. A criatividade e a potência do aluno são valorizadas e estimuladas em cada uma das propostas. A ideia é proporcionar materiais que permitam ao professor fugir das concepções que vinculam, sem qualquer questionamento e profundidade, fracasso escolar e deficiência.

Já o segundo tópico – **Práticas Escolares Inclusivas** –, como revela o título, é baseado numa descrição simples e sucinta dos resultados dos encontros destinados a compreender como deve ser idealizado um Projeto Político Pedagógico. Os relatos demonstram como os docentes engajaram-se na busca por uma articulação dos objetivos curriculares com as singularidades dos estudantes e as necessidades da comunidade, sempre em favor da consolidação da cultura da inclusão.

PARA REFLETIR

Inclusão escolar é uma temática debatida por muitos autores. Caracterizá-la e medi-la são tarefas complexas, pois há que se considerar variáveis das mais diversas. Mel Ainscow (2009, p. 20) apresenta a seguinte perspectiva sobre a questão: “a inclusão abrange todas as crianças nas escolas; está focada na presença, na participação e na realização; inclusão e exclusão estão vinculadas, de maneira que a inclusão envolve o combate ativo à exclusão; a inclusão é vista como um processo sem fim. Assim, uma escola inclusiva é aquela que está evoluindo, e não aquela que atingiu um estado perfeito”. O autor também afirma que é importante escapar da ideia de que educação pode ser resumida

em escolarização. Para ele, a escola é somente um dos muitos espaços educacionais de uma comunidade, sendo que a inclusão acontece devidamente apenas quando há um intercâmbio entre profissionais da escola, estudantes, família e comunidade local. Para Mel Ainscow (2009), “o papel das escolas é dar apoio à educação das comunidades, e não de monopolizá-las. [...] Parece-nos que não iremos muito longe no apoio à participação e ao aprendizado dos estudantes se rejeitarmos identidades e históricos familiares, ou se decidirmos não encorajar a participação dos funcionários da escola em decisões sobre atividades de ensino e aprendizado”.

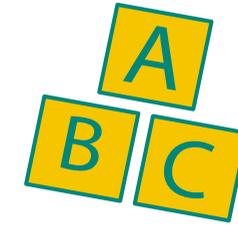
Por sua vez, o terceiro tópico – **Mais conteúdos para promover práticas inclusivas** – traz referências em diferentes formatos como filmes, livros e sites de pesquisa para serem utilizadas por educadores, pais e pessoas interessadas em se aprofundar no tema da Educação Inclusiva.

Os obstáculos para a concretização da Educação Inclusiva não são intransponíveis. As experiências que permitiram a confecção deste pequeno livro revelam bem isso. Foram produzidos e experimentados dezenas de materiais nas ações de formação docente. Esses processos de produção e experimentação foram considerados vitais, tanto para o andamento e organização da prática pedagógica, quanto para impulsionar a constituição e a manutenção de uma escola que seja aberta às diferenças, integrada, inclusiva e, por extensão, mais democrática. Com professores bem formados e cientes do papel crucial que exercem nas mediações em sala de aula, as aprendizagens escolares deixam de ser a simples transmissão de um conteúdo distante do cotidiano e da realidade discente para se transformar em um exercício diário de trabalho e desenvolvimento de competências e habilidades essenciais à vida em sociedade.

PARA REFLETIR

“A Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades” (BRASIL, 2017, p. 14).





PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Como fazer da escola um espaço de comunicação, participação, respeito, dinamicidade e geração de aprendizagens que proporcionem o desenvolvimento integral da criança, e não apenas o aperfeiçoamento cognitivo? Essa é, entre outras, a pergunta que motiva a ênfase em experimentos práticos direcionados à concretização da Educação Inclusiva. Em grande medida, as práticas – quando exploradas e formalizadas a partir de critérios de inclusão – revelam como o currículo, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola, pode ser flexibilizado e adaptado tanto para explorar as capacidades e potencialidades dos estudantes com deficiência quanto para trabalhar conteúdos básicos de forma acessível a todos.

Com o intuito de compartilhar experiências de práticas que indicam modos de flexibilizar o currículo conforme as demandas e expectativas dos sujeitos e das realidades escolares, este tópico apresenta os resultados dos processos realizados em Fundão e Ibiraju. O foco são os *objetos de aprendizagem* construídos para serem instrumentos e mecanismos que propiciem o desenvolvimento pleno das crianças com deficiências, respeitando o tempo, as limitações, as potencialidades e as diferenças de cada uma delas. Tais objetos podem ser utilizados na sala de aula regular e nas salas de recursos multifuncionais.

PARA SE LIGAR

“As adequações curriculares constituem, pois, possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adequação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos [...]. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos” (BRASIL, 2003, p. 34).

OBJETOS DE APRENDIZAGEM

Nos itens seguintes, há um conjunto de exemplos de práticas de criação e utilização de objetos pedagógicos lúdicos que aproximam e dinamizam o processo de aprendizagem de estudantes com deficiências, contribuindo para interações inclusivas em sala de aula e impulsionando o desenvolvimento integral das crianças. Todas as proposições que serão apresentadas foram desenvolvidas por educadores das redes públicas municipais de Ibirapu e Fundão, no Espírito Santo – mencionados nos créditos desta publicação – como parte do processo de formação em Práticas de Educação Inclusiva promovido pela Fundação Vale em 2019. As temáticas abordadas nas atividades são múltiplas: formação de hábitos e de postura corporal; destreza tátil; sentido de orientação; reconhecimento de formas, figuras, texturas, cores, quantidades, gráficos, mapas; domínio de sinais; movimentação e contato corporal; sentimentos. Em comum, elas têm a intenção de estimular situações de aprendizagem que invistam e valorizem o comportamento exploratório, o treino dos sentidos (tato, visão, olfato, audição) em correspondência com as

características de cada sujeito, a autonomia e a participação ativa das crianças na própria produção de conhecimento.

São sugeridas ações, atreladas a instrumentos específicos, para o desenvolvimento de habilidades e competências de crianças com diferentes tipos de deficiências – motora, visual, auditiva e intelectual. As idades, as etapas de ensino e o tempo de realização não são designados nas propostas. A indefinição desses termos é intencional: é uma maneira de não fechar, de antemão, o público-alvo, deixando à escolha da professora ou do professor o uso (ou não) da brincadeira ou jogo em sua turma. Somente essas e esses profissionais conhecem as exigências específicas de cada turma. Não é incomum que uma tarefa seja compreendida de modos variados quando o quesito é, por exemplo, nível de dificuldade. Apesar disso, destaca-se que muitos dos objetos de aprendizagem desenhados aqui se relacionam à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I, particularmente aos processos de letramento e alfabetização.

Nas várias atividades, priorizou-se o emprego de materiais reciclados e de baixo custo, a fim de favorecer a sua realização em diferentes contextos educacionais, sobretudo naqueles com maior carência de recursos. A ideia é trabalhar com o que se tem à mão com mais facilidade. Caixas de papelão, garrafas PET, jornais, rolinhos de

papel, bolas e potes plásticos, pedaços de madeira, papéis coloridos, tampinhas – tudo isso é usado, com criatividade, na implementação dos objetos. Certamente, por vezes, o professor não possuirá tais materiais à disposição na escola e precisará do auxílio dos alunos no recolhimento do que é necessário para experimentar e conduzir algum jogo ou brincadeira. Lembre-se que contar com o apoio do estudante pode ser uma estratégia metodológica para gerar pertencimento e comprometimento e tornar a produção dos objetos mais colaborativa e dialógica.

É hora de construir os objetos de aprendizagem em sua escola. Junte esforços e mão na massa!

DEFICIÊNCIA MOTORA





PENSE NISSO

“O ambiente escolar é para qualquer criança o espaço por natureza de interação de uns com os outros. É nesse espaço que nos vemos motivados a estabelecer comunicação, a sentir a necessidade de se locomover, entre outras habilidades que nos fazem pertencer ao gênero humano. O aprendizado de habilidades ganha muito mais sentido quando a criança está imersa em um ambiente compartilhado que permite o convívio e a participação. A inclusão escolar é a oportunidade para que de fato a criança com deficiência física não esteja à parte, realizando atividades meramente condicionadas e sem sentido” (SCHIRMER *et al.*, 2007, p. 17).

PAINEL DE MOTRICIDADE

Objetivo

Promover o desenvolvimento da coordenação motora fina das crianças por meio da atividade de enroscar e desenroscar tampas.

Materiais

Garrafas plásticas e frascos plásticos com tampa, caixa de sapato ou papelão, tesoura, cola quente.

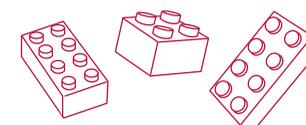
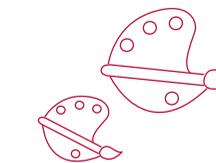
Preparação

Você deve montar um painel com bocais de garrafas ou frascos, no qual a criança irá rosquear as tampas. A base do painel será a caixa de sapato ou papelão. Desenrosque e guarde as tampas. Em seguida, corte a parte de cima das garrafas ou frascos e cole-as com cola quente sobre a caixa.

Desenvolvimento da atividade

Estimule os estudantes a enroscar e desenroscar os diferentes tipos de tampa, tendo de manuseá-las para a conclusão da tarefa. Ao longo da ação, incentive-os a explorar os formatos das tampas e dos bocais e problematize as escolhas. Encoraje-os a persistir nos momentos em que se mostrarem frustrados frente às situações de tentativa e erro e valorize o esforço empreendido.

A importância dessa atividade está em possibilitar o exercício de abrir e fechar objetos, que são ações de extrema importância para o desenvolvimento da coordenação motora e de outras habilidades. Ao enroscar ou desenroscar uma tampa, a criança aprimora os movimentos das mãos, treina o contato com peças de diferentes formatos e trabalha a concentração.



VARAL MONTESSORIANO

Objetivo

Fomentar o desenvolvimento da coordenação motora fina por meio do movimento de pinça ao pendurar miniaturas de roupas.

Materiais

Caixa de sapato, jornais, barbante, papel crepom, EVA com texturas, feltro, cola quente, pregadores de roupa, papel cartão, tesoura e cola.

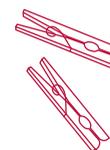
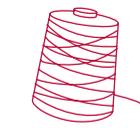
Preparação

Crie e decore uma miniatura de varal. Utilize a caixa de sapato como base, os rolinhos de jornais afixados nos quatro cantos como suporte e os barbantes amarrados nesses suportes para funcionar como os varais. Faça as miniaturas de roupas diversos tamanhos e materiais como EVA, feltro ou papéis cartão coloridos. Separe também pregadores de roupas.

Desenvolvimento da atividade

Promova uma brincadeira na qual a criança pendura as roupinhas produzidas com diferentes materiais, tamanhos e texturas em um varal. Ao usar pregadores de roupa, o movimento de pinça será praticado pelo estudante. A professora ou professor pode dinamizar a atividade dando os comandos da sequência para pendurar as roupas, baseando-se, por exemplo, na forma, tamanho ou textura delas.

O movimento de pinça é extremamente importante no desenvolvimento motor das crianças, fundamental em várias situações da vida cotidiana. A atividade contribui para a socialização e compreensão e realização de comandos. Além disso, permite trabalhar esse tipo de desenvolvimento de forma prazerosa e interativa, facilitando o processo de ensino-aprendizagem.



JOGO DE ENCAIXE

Objetivo

Desenvolver habilidades como o raciocínio lógico e a discriminação de formas e cores.

Materiais

Madeira ou outro material resistente para construção das peças e encaixes, ferramentas para cortar a madeira, pincéis e tinta.

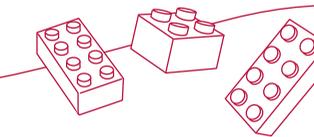
Preparação

Confeccione diferentes formas geométricas (círculo, quadrado, triângulo, retângulo) em tamanho ampliado com material resistente, juntamente de seus respectivos encaixes. As peças e encaixes devem ser pintados em cores diversas, de modo a estabelecer um padrão de conexão.

Desenvolvimento da atividade

Apresente a atividade como um jogo e apresente o material, explorando a diversidade de formas geométricas e cores e a relação entre eles. Em seguida, convide as crianças a estabelecer os encaixes das peças conforme as formas geométricas, respeitando as cores. Estimule o estudante a insistir caso perceba que está com dificuldade, reconheça as tentativas e celebre cada pequeno avanço.

A ampliação do tamanho das peças é importante porque permite a apreensão em pinça, com dois ou mais dedos. A atividade é importante porque auxilia, entre outros aspectos, na superação de dificuldades advindas da espasticidade e de movimentos involuntários de membros superiores, características comuns em alunos com paralisia cerebral do tipo atetóide.



MÃOS SENSORIAIS

Objetivo

Estimular a percepção tátil e o reconhecimento de diferentes sensações a partir do toque e contato físico com texturas diversas.

Materiais

Papel cartão, objetos com diversas texturas (tecidos, sementes, algodão, feltro, entre outros), tesoura e cola.

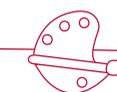
Preparação

Em papel cartão, confeccione “mãos”, nas quais serão colados materiais de diferentes tipos e cores, como retalhos de tecido, sementes, tampinhas de refrigerante, algodão, entre outros.

Desenvolvimento da atividade

Estimule os estudantes a observar os objetos e a senti-los, passando-os pelo rosto, pés, mãos, barriga. No decorrer do processo, você pode fazer comentários acerca dos objetos, suas características e das sensações percebidas. Para melhor aproveitamento da atividade, deve ser oferecido tempo suficiente para participação e percepção.

Explorar estímulos sensoriais e os modos pelos quais artefatos são sentidos pelo tato é uma maneira eficiente de desenvolver a percepção. Esta atividade também é importante porque pode ampliar as habilidades e a motivação para utilizar mais as mãos.



ÁRVORE DE NÚMEROS

Objetivo

Construir conhecimento lógico-matemático e desenvolver a atenção, a concentração e a observação por meio de materiais concretos.

Materiais

EVA verde e vermelho, pregadores, cola e tesoura.

Preparação

Com EVA nas cores verde e vermelha, confeccione partes de uma árvore, na qual serão pendurados pedaços de EVA vermelho representando frutas. Números podem ser distribuídos, caso queira, no interior das frutas.

Desenvolvimento da atividade

Incentive a criança a colher as frutas. Esta brincadeira de colheita pode ser feita segundo a quantidade especificada pelo professor ou aleatoriamente. Ao final, ela deve associar a quantidade com o numeral. Para fazer a ligação, o estudante pode fazer uso dos pregadores, emparelhando-os com os números expressos nas frutas. Por exemplo, fruta com o número dois significa que há a necessidade de dois pregadores para demonstrar a quantidade.

A importância deste jogo matemático está no fato de facilitar e tornar divertida a aprendizagem dos números e das operações matemáticas. A atividade possibilita a ampliação do pensamento lógico-matemático.



CAIXAS PARA EMPILHAR

Objetivo

Permitir o desenvolvimento de aspectos da motricidade com a exploração, a partir de brincadeiras, da variação dos tamanhos, formatos e cores dos objetos.

Materiais

Caixas de papelão de diferentes tamanhos e formas, papéis coloridos, EVA, retalhos de tecido, cola e tesoura.

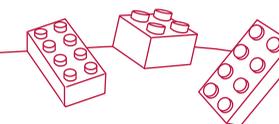
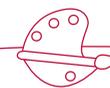
Preparação

Separe os materiais que serão utilizados para a confecção e decoração das caixas de papelão. Decore cada caixa de maneira personalizada, cobrindo-as com retalhos de tecido, papel e EVA de diversos tamanhos e cores.

Desenvolvimento da atividade

Convide o estudante a brincar de empilhar as caixas. Durante a atividade, estimule a criança a manusear e explorar os diversos tamanhos, formatos e cores dos objetos. Proponha desafios diferentes, com comandos de acordo com cada característica das caixas, trabalhando aspectos como equilíbrio, peso, altura, textura, semelhança de cores, entre outros.

Esta atividade é importante porque desafia a criança a manusear objetos de tamanhos e formas diferentes, o que é fundamental para o desenvolvimento da coordenação motora. Brincar é também uma forma de aprender, além de configurar-se como uma ação lúdica e prazerosa para a criança. Portanto, trabalhar o desenvolvimento motor com brincadeiras é uma tarefa rica que pode trazer bons frutos para o ensino-aprendizagem.



ENCAIXE DE LETRAS

Objetivo

Auxiliar crianças com distrofia muscular progressiva a desenvolver a coordenação motora fina e a reconhecer as letras do alfabeto e sua utilização a partir da ação de encaixar garrafas, enroscando-as nas tampas correspondentes.

Materiais

Garrafas PET pequenas com tampas (26), cola quente, papelão grande (80X50cm), cartolina, folhas de papel sulfite, tesoura, canetinha régua e durex colorido.

Preparação

Confeccione um tabuleiro, decorando a frente do papelão grande utilizando cartolina colorida e cola. Faça o acabamento em volta com durex colorido. Escreva ou imprima duas cópias das letras do alfabeto e recorte as letras de uma delas no formato retangular e a outra redonda. Fixe com a cola quente as tampinhas enfileiradas (cinco por fileira), deixando um espaço entre elas para poder enroscar as garrafas. Identifique cada tampinha colando em baixo dela a letra do alfabeto (na sequência). Com a cartolina, faça moldes para receber as letras redondas, que serão coladas no fundo de cada garrafa com cola quente.

Desenvolvimento da atividade

Para realizar o jogo com o estudante, o tabuleiro com as letras do alfabeto fica sobre a mesa, já as garrafas com letras diferentes das que estão coladas no tabuleiro ficam no chão. Diga o nome da letra e estimule a criança deve colocar a garrafa com a letra indicada na tampinha da letra correspondente, repetindo o nome da letra. Para enriquecer o processo, a professora ou o professor pode trabalhar a ordem das letras do alfabeto. Incentive o aluno a persistir, reconheça os esforços nos momentos em que se mostrarem desestimulados com os erros e celebre os acertos. Durante a aula, com o objetivo de trabalhar as letras do alfabeto, o aluno com distrofia muscular progressiva deve ter a oportunidade de participar das tarefas com material adaptado.

Esta atividade é importante porque estimula o estudante com distrofia muscular progressiva a desenvolver a coordenação motora fina. Além disso, ela permite à criança: (i) memorizar os nomes, sequências e sons das letras do alfabeto; (ii) reconhecer os quatro tipos de escrita possíveis para as letras do alfabeto (letra bastão, cursiva, maiúscula e minúscula) e o uso delas no cotidiano; (iii) compreender que o alfabeto é formado por 26 letras, divididas em vogais e consoantes; (iv) entender que uma vogal e uma consoante, quando juntas, formam uma sílaba.



BOCHA ADAPTADA

Objetivo

Desenvolver habilidades motoras por meio de jogo, que pode ser individual ou em grupo.

Materiais

13 bolinhas de plástico, bexigas (3 cores diferentes), fita crepe, tesoura, areia.

Preparação

Para confeccionar o jogo, sugere-se a utilização de bolinhas plásticas, as quais são preenchidas com areia e colocadas dentro de uma bexiga colorida. Quando a intenção é fazer o jogo em grupo, sugere-se utilizar duas cores de bexiga – por exemplo, o vermelho e o azul – para diferenciar as bolas dos dois times e uma terceira cor – por exemplo, branca – para a bola-alvo (geralmente conhecida como “jack” no bocha tradicional).

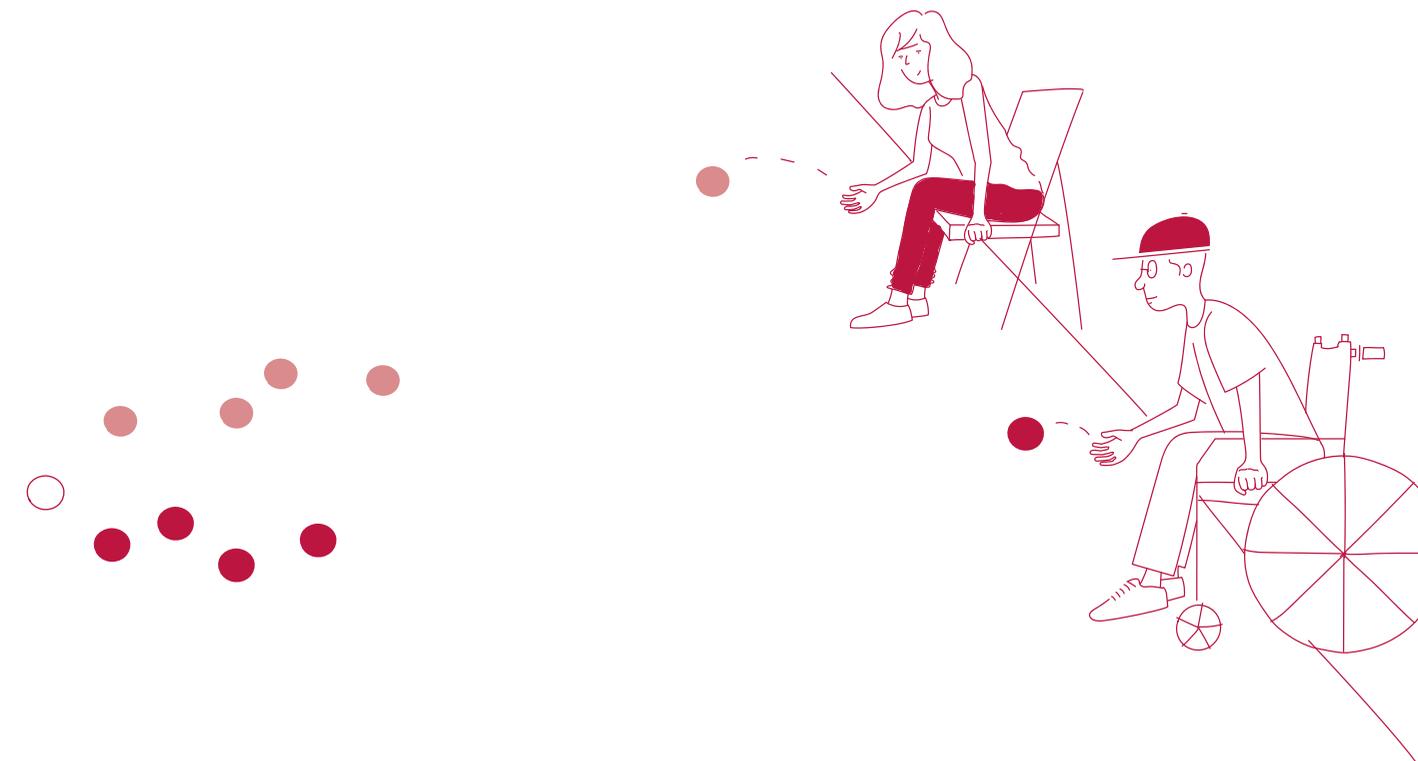
Desenvolvimento da atividade

A atividade é uma adaptação do jogo de bocha, preparada para ser desenvolvida, principalmente, na aula de Educação Física. Ao trabalhar com todos os alunos juntos, é possível utilizar cadeiras para que fiquem sentados. O objetivo dos jogadores é rolar as bolas coloridas, de forma a encostar o maior número possível delas na bola alvo. Ao fim da rodada, vence quem tiver maior número de bolas encostadas na bola alvo ou o mais próximo possível dela.

Para os que não conseguem movimentar os braços, com a ajuda de um auxiliar, pode ser estendida uma rampa ou calha, pela qual, utilizando a boca, o participante desliza a bola. Outro dispositivo auxiliar pode ser o capacete com ponteira.

Além de ser a adaptação de um dos esportes mais acessíveis para pessoas com deficiência motora, o jogo é importante porque estimula habilidades de planejamento e estratégia na tentativa de colocar o maior número de bolas próximas à bola-alvo, desenvolvendo principalmente a capacidade viso-motora.¹

¹ Uma das fontes consultadas para entender melhor os benefícios da bocha paraolímpica está disponível em: <<http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=271>>. Acesso em 26/03/2010



TEXTO FATIADO

Objetivo

Desenvolver habilidades de leitura e compreensão textual em estudantes com deficiências motoras.

Materiais

Texto completo, texto fatiado impresso, cartolina, canetão, fita crepe e tesoura.

Preparação

Escolha um texto simples como uma parlenda ou cantiga que, para facilitar e dinamizar a interação e o aprendizado, pode até mesmo ser cantado, em vez de apenas lido. Imprima ou escreva com canetão duas cópias do texto completo com letras grandes. Fatie uma das partes e, se quiser reforçar o material impresso, cole em uma cartolina e recorte.

Desenvolvimento da atividade

A tarefa principal da atividade é a formação de frases, de maneira que, pouco a pouco, os estudantes completem e tornem o texto coeso. No processo, o texto original é posto ao lado do fatiado. A professora ou professor escolhe uma frase, põe a mão sobre ela e pergunta se o trecho apontado condiz com a sequência da história original. O aluno

faz gestos de sim ou não, conforme suas próprias possibilidades. Para alunos com tetraplegia, pode-se trabalhar com movimentos de sim e não feitos com os olhos ou cabeça na construção textual, técnica que eles utilizam no dia a dia em diferentes situações. Durante a mediação da atividade, oriente o estudante sobre as regras, provoque análises e reflexões e auxilie na busca de soluções.

A vantagem desta atividade é a possibilidade de trabalhar produção textual com alunos com tetraplegia ou outras deficiências motoras que impedem ou dificultam a escrita. Este tipo de jogo estimula a persistência e o desejo de auto superação, aprimorando o desempenho na leitura e compreensão textual.² A partir dos gestos de sim e não, também podem ser pensadas outras atividades de educação inclusiva para as crianças.

² Uma das fontes consultadas para entender os benefícios do texto fatiado está disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uel_roselidefatimatassi.pdf>. Acesso em: 26/03/2020.



BONECO DE BALÃO

Objetivo

Trabalhar, de forma divertida e lúdica, a coordenação motora, a percepção sensorial e os movimentos.

Materiais

Balão, garrafa PET (500 ml), farinha de trigo, canetinha, lã, tesoura e cola.

Preparação

Para fazer o boneco, basta encher a metade de uma garrafa PET de 500 ml com farinha. Depois, encher um balão de ar e segurar a boca dele com um prendedor para que o ar não escape. Para colocar a farinha dentro do balão cheio de ar, prenda-o na boca da garrafa, retire o prendedor e despeje o conteúdo. Quando estiver cheia de farinha, retire o balão e faça um nó. Por último, cole os olhos feitos com papel ou desenhe com canetinha e amarre pedaços de lã, como se fossem o cabelo.

Desenvolvimento da atividade

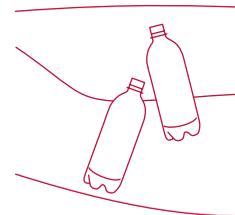
Para que não haja descompassos educacionais, o educador que vai conduzir a atividade deve ter clareza do desenvolvimento geral do estudante e do histórico de aprendizagem, a fim de que sejam feitos

planos individualizados de adequação curricular, quando necessário. Estimule a criança a explorar seus sentidos propondo que toque e amasse o balão, criando diferentes formas. O educador também pode mediar a atividade trazendo o brinquedo perto do rosto, das mãos ou ao longo do corpo de alunos que necessitam deste auxílio, como é o caso de crianças com paralisia cerebral, que possuem os membros superiores imóveis. Dessa forma, o estudante pode sentir a textura e a flexibilidade do brinquedo. Nas brincadeiras com objetos como o boneco de balão, deve-se respeitar as limitações, o ritmo, as dificuldades e facilidades de cada estudante.

O trabalho com objetos é importante no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no caso da educação inclusiva.

O boneco de balão é interessante porque possibilita o desenvolvimento de vários elementos ligados à coordenação motora e da imagem corporal, apurando os sentidos, favorecendo a sociabilidade e a cooperação com crianças que não têm as mesmas habilidades.³

³ Uma das fontes consultadas para entender os usos e benefícios do boneco de balão está disponível em: <bit.ly/2Y6Cc3n>. Acesso em: 26/03/2020.



O VOO DO ANJO AZUL

Objetivo

Trabalhar a coordenação motora fina, atenção sustentada e concentração, bem como a aprendizagem das cores/quantidades.

Materiais

Pinça, suporte de papel toalha ou de papel alumínio, pote de plástico, palito de picolé, tinta guache, pincel, cola quente, estilete, tampinha de garrafa, CD e mini pompons coloridos.

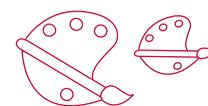
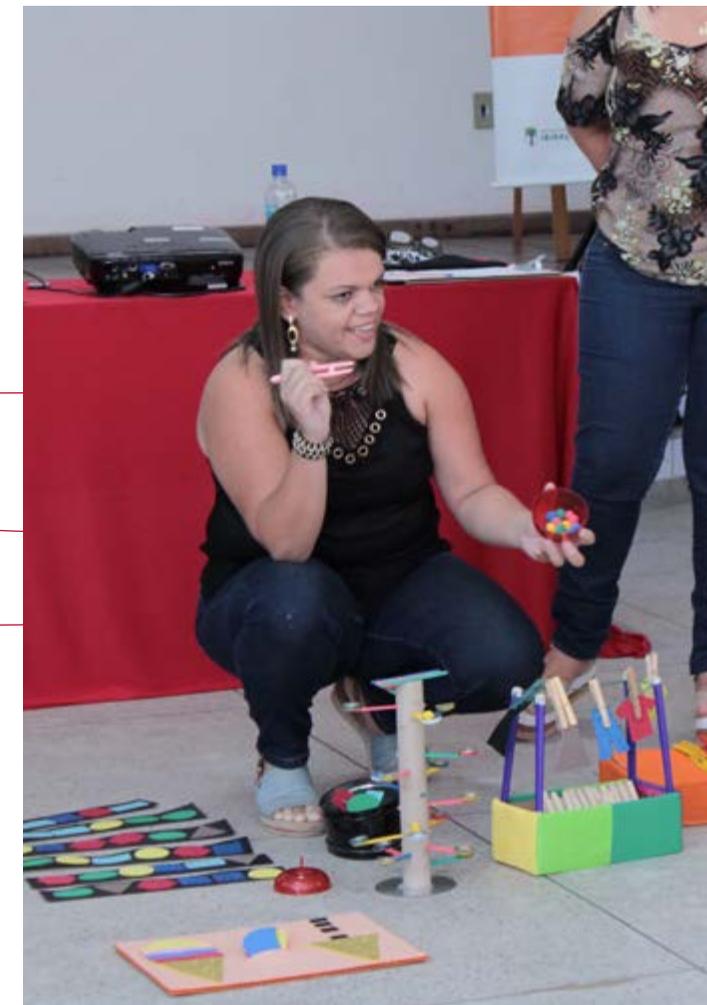
Preparação

Confeccione a estrutura utilizando o CD como a base onde será fixado com cola quente o suporte de papel toalha. Em seguida, marque os pontos espaçados em volta do suporte de papel toalha (como se estivesse girando e fazendo uma espiral) e faça as cavidades com o estilete. Pinte os palitos de picolé e depois fixe as tampinhas (com a parte aberta para cima) nas suas extremidades. Por fim, utilize a cola quente para fixar os a extremidade vazia do palito nas cavidades feitas no suporte. Coloque os mini pompons em um potinho plástico e separe a pinça.

Desenvolvimento da atividade

Convoque a criança para o divertido desafio de preencher as tampinhas com os pequenos pompons disponíveis no pote plástico. Explique que a movimentação dos pompons só pode ser feita utilizando a pinça. Você pode variar os comandos de acordo com as cores e quantidades de pompons. Por exemplo, uma possibilidade é orientar o aluno a colocar os pompons nas tampinhas de cores correspondentes. Ao longo do processo, é fundamental problematizar as dificuldades do estudante, incentivar a persistência e o foco, reconhecer as frustrações e os pequenos avanços e comemorar quando o objetivo for alcançado.

Este tipo de atividade é muito importante pois além de promover o desenvolvimento da coordenação motora fina que é essencial para a escrita, ainda trabalha as habilidades de concentração, atenção e equilíbrio.



ROLINHOS SENSORIAIS

Objetivo

Trabalhar o estímulo sensorial em alunos com tetraplegia.

Materiais

Refis de papel higiênico, bolinhas de pérola ou miçangas, lixas, lã, tesoura, cola.

Preparação

Confeccione os rolinhos sensoriais, cobrindo a superfície do refil (de papel higiênico) com elementos de texturas variadas, tendo o cuidado de evitar produtos abrasivos.

Desenvolvimento da atividade

Embora seja um desafio desenvolver atividades com alunos com tetraplegia, isto é possível no exercício de atividades lúdicas e divertidas, os rolinhos sensoriais servem para desenvolver aspectos sensoriais em sala de aula. Eles podem ser passados, por exemplo, no rosto, estimulando a percepção de diferentes texturas.

Para pessoas com tetraplegia, exercitar os estímulos sensoriais é muito importante, pois elas não têm sensibilidade em boa parte do corpo. Além disto, este tipo de atividade contribui para aflorar a afetividade para que a escola passe a ser um lugar prazeroso tanto para o aluno quanto para o educador.



CAÇA-PALAVRAS RECICLADO

Objetivo

Estimular o desenvolvimento neuropsicomotor e a aprendizagem em estudantes com deficiências motoras.

Materiais

Tampinhas de garrafa PET, folha de papel cartão colorida, cola quente, tesoura, elásticos, papelão.

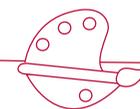
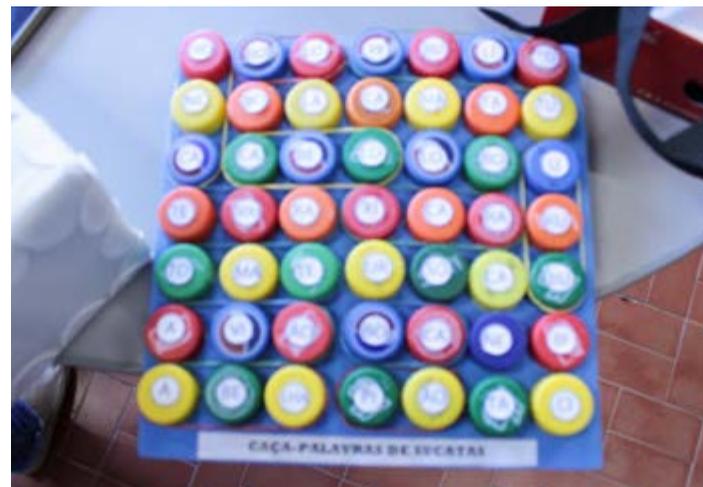
Preparação

A ideia é reproduzir, com material reciclado e de maneira tridimensional, o famoso jogo de caça-palavras. Para tanto, cole tampinhas de garrafa em uma folha de papel cartão colorida. Sobre cada tampinha, fixe uma letra, formando, assim, o caça-palavras. As palavras devem ser escritas majoritariamente da esquerda para a direita ou de cima para baixo.

Desenvolvimento da atividade

Incentive o aluno a procurar as palavras “escondidas” no caça-palavras com foco e atenção concentrada. A cada palavra desvendada, estimule o estudante a marcá-las com um elástico preso ao redor das tampinhas e comemore com ele. Com este jogo, você pode trabalhar conteúdos como famílias silábicas, junção de palavras e escrita.

Seus benefícios são variados. Ele contribui, por exemplo, para o desenvolvimento do raciocínio, da percepção, da observação, da memória, da atenção e da orientação.



BILBOQUÊ RECICLADO

Objetivo

Desenvolver a coordenação motora e se divertir tentando acertar a bolinha dentro da garrafa apenas balançando as mãos.

Materiais

Garrafa PET, tampinhas, barbante, durex coloridos, papéis coloridos, EVAs coloridos e tesoura.

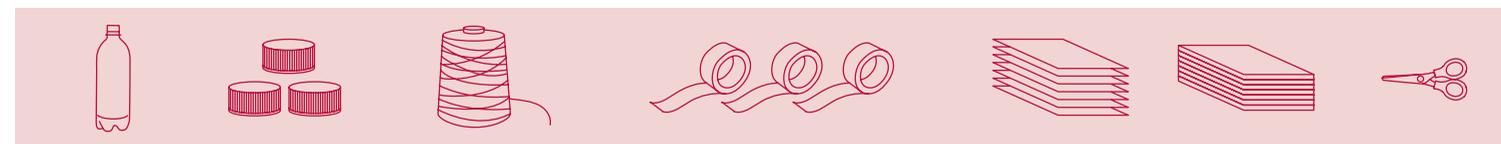
Preparação

A atividade faz uma imitação, com materiais reciclados, de um bilboquê. Para produzi-lo, você deve cortar uma garrafa PET um palmo abaixo da tampinha, formando a parte que será segurada pela criança. Faça um pequeno furo na tampinha que ficou presa à garrafa. Por meio de um barbante, junte-a com uma tampinha solta, também previamente furada. Finalmente, o brinquedo pode ser decorado com durex, papéis ou EVA coloridos.

Desenvolvimento da atividade

Como na brincadeira tradicional, você deve propor ao estudante o desafio de acertar a tampinha pendurada dentro do objeto (garrafa cortada). Ao longo da ação, oriente a criança controlar os movimentos e a insistir para conseguir alcançar o objetivo pretendido no jogo.

Esta atividade é importante porque requer o controle da coordenação motora. Além disso, este tipo de brincadeira contribui, ludicamente, para o desenvolvimento integral da criança.



ATIVIDADE COM BAMBOLÊ

Objetivo

Desenvolver a coordenação motora, o equilíbrio e a força.

Materiais

Bambolês coloridos, fita crepe, durex colorido e tesoura.

Preparação

Nesta atividade, a ideia é criar circuitos de bambolês que funcionam de modo variado. Para isso, amarre bambolês de cores diferentes uns aos outros, de modo a criar uma estrutura que fique sustentada verticalmente. Sugerimos que utilize 6 bambolês, mas você pode criar outras estruturas com uma quantidade diferente.

Desenvolvimento da atividade

Com o objeto montado, você pode deixar que a criança brinque e manipule-o da forma que desejar. Outra alternativa é propor desafios como entrar em vários bambolês ao mesmo tempo, passar por um bambolê de cor específica ou tentar rodá-los juntos. Lembre-se de encorajar a criatividade e liberdade para a construção de um ambiente educativo, divertido e saudável. Esta brincadeira também é interessante para a interação entre os colegas, permitindo que todos possam desenvolver habilidades motoras, sempre conforme as particularidades e limitações individuais.

A atividade com circuito de bambolê é importante uma vez que oportuniza experimentar os movimentos do corpo e desenvolver o equilíbrio e a noção espacial. Quando realizado em grupo, favorece também a sociabilidade e cooperação entre as crianças.



PESCARIA SILÁBICA

Objetivo

Identificar letras, sílabas e palavras, trabalhando, ao mesmo tempo, a coordenação motora e a colaboração por meio da brincadeira tradicional da pescaria.

Materiais

EVA colorido, ímãs, hastes de madeira, cordão, sílabas impressas, giz, tesoura e cola.

Preparação

Confeccione os peixes-sílaba, ou seja, figuras em EVA recortadas no formato de peixe, nas quais são coladas, em tamanho grande (suficiente para ser visto à distância), diferentes sílabas. Na boca do peixe, insira um pequeno ímã, fundamental no ato da pesca. O passo seguinte é preparação da vara usada na pescaria. Amarre um pedaço de cordão ou barbante na ponta de uma haste, colando na outra parte da linha um ímã.

Desenvolvimento da atividade

Para a realização da atividade, desenhe com o giz no chão um grande círculo para imitar um lago e distribua dentro dele os peixes-sílaba. Dê aos alunos as varas e dinamize o processo de pesca. Ao retirarem os peixes do lago, os estudantes devem ler as sílabas e, com o auxílio dos colegas, tentar montar palavras. O educador pode estimular a colaboração, incentivando que haja discussão a respeito de qual peixe deve ser pescado para se construir as palavras.

A adaptação desta brincadeira tradicional nas festas juninas realizadas em diferentes localidades brasileiras para a pescaria silábica é relevante uma vez que propicia, ademais do treino linguístico, movimentação e domínio da coordenação motora.

SA LA MU



Veja também esta ferramenta para a autonomia

ENGROSSADOR DE LÁPIS

Objetivo

Prover ao estudante um instrumento que amplie sua autonomia no uso de objetos cotidianos e, assim, amplie suas possibilidades de controle do ambiente.

Materiais

EVA colorido, fita dupla face, tesoura, lápis, caneta ou qualquer objeto para ser engrossado.

Preparação

Corte o EVA no tamanho adequado para enrolá-lo em torno do lápis. Finalize o processo com fita dupla face. Após preparado, o lápis pode ser manuseado pelas crianças, estimulando o controle motor e a autonomia.

Usos

O engrossador é utilizado como instrumento para que crianças com deficiência, principalmente paralisia cerebral, possam segurar o lápis. Serve para canhotos e destros, melhora o controle da escrita, não deixa o instrumento escorregar das mãos ou da mesa e alivia o cansaço dos dedos. Por meio dele, os estudantes são capazes de realizar atividades com autonomia e treinar a coordenação motora.



DEFICIÊNCIA VISUAL





PARA SE LIGAR

“A confecção de recursos didáticos para alunos cegos deve se basear em alguns critérios muito importantes para a eficiência de sua utilização. Entre eles, destacamos a fidelidade da representação que deve ser tão exata quanto possível em relação ao modelo original. Além disso, deve ser atraente para a visão e agradável ao tato. A adequação é outro critério a ser respeitado, considerando-se a pertinência em relação ao conteúdo e à faixa etária. As dimensões e o tamanho devem ser observados. Objetos ou desenhos em relevo pequenos demais não ressaltam detalhes de suas partes componentes ou se perdem com facilidade. O exagero no tamanho pode prejudicar a apresentação da totalidade dificultando a percepção global” (SÁ, CAMPOS E SILVA, 2007, p. 27).

ÁBACO COM BOTÕES E MIÇANGAS

Objetivo

Trabalhar números e operações simples de matemática com crianças com deficiência visual de todas as idades, a partir de um mecanismo de contagem com as mãos.

Materiais

Caixa de papelão, miçangas, botões, linha de nylon, agulha, EVA, cola, cola alto relevo, tesoura, papel para encapar a caixa.

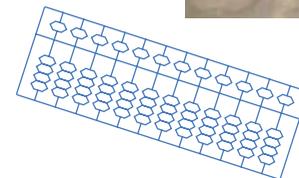
Preparação

Para produzir o ábaco, encape a base de papelão com o papel. Com a agulha, faça 10 pares de furos alinhados. Em seguida, coloque o número correspondente de botões e miçangas na linha e utilize a agulha e faça um nó para fixar as extremidades na base. Faça os números de 1 a 10 de EVA e cole enfileirados na parte de cima da base. Os números em braile são inscritos com a cola alto relevo na base do ábaco, ajudando a criança a contar as miçangas ou botões e a identificar os números.

Desenvolvimento da atividade

Incentive o aluno a tocar e conhecer o ábaco com as mãos e dedos, explorando a parte dos algarismos arábicos, em braile e as linhas com botões ou miçangas. Utilize o ábaco para auxiliar o aluno com atividades matemáticas, materializando os conceitos e exemplos abstratos e tornando o ensino das operações de soma e subtração mais simples e palpável.

A atividade é muito relevante por facilitar o desenvolvimento da habilidade de contagem e de relação número/quantidade.



LABIRINTO

Objetivo

Desenvolver o tato e a percepção de crianças com deficiência visual a partir do jogo labirinto.

Materiais

Cartolina, palitos de picolé, EVA (fabricação do porquinho), grãos de milho, tesoura e cola.

Preparação

Faça um porquinho de EVA, utilizando modelos facilmente encontrados na internet. Construa um labirinto simples em cartolina com palitos de picolé. Ao final do percurso, colar vários grãos de milho.

Desenvolvimento da atividade

Estimule o aluno a tocar o material para conhecer o percurso. Explique que o desafio é atravessar o labirinto, levando o porquinho até os milhos de pipoca.

Apesar de simples, a atividade favorece o desenvolvimento motor fino de crianças com deficiência visual. Serve como exercício de pré-letramento em braile.



A
B C



JOGO DA VELHA TRIDIMENSIONAL

Objetivo

Desenvolver, com crianças com deficiências visuais, habilidades como a concentração, a atenção, o raciocínio lógico, o entendimento de regras e sequências, a socialização e a coordenação motora e tátil a partir do jogo da velha.

Materiais

Caixa de papelão, jornal, tinta guache, cola quente, cola branca, régua, lápis, tesoura, EVA com textura, velcro.

Preparação

Fabricar, com materiais grandes e com textura, um jogo da velha verdadeiramente tridimensional.

Desenvolvimento da atividade

Incentive o estudante com deficiência visual e os colegas a explorarem o tabuleiro e as peças por meio do toque (e a visão no caso das demais crianças). Explique o funcionamento do jogo, que começa com cada jogador escolhendo uma peça (cruz ou bola) para completar uma trinca de símbolos idênticos. O ganhador será aquele que a completa primeiro. Certifique-se de que a atividade seja uma experiência integradora e prazerosa.

O jogo da velha é uma atividade interessante porque favorece o entendimento de regras e pode ser uma boa ferramenta de socialização. Esse jogo também é recomendado para crianças com deficiência auditiva.



JOGO DA VELHA DE EVA

Objetivo

Desenvolver o raciocínio lógico, a atenção, a concentração, a coordenação motora e tátil, o entendimento de regras e a socialização por meio do um jogo da velha.

Materiais

EVA colorido, papelão, régua, cola quente, caneta preta, lápis e tesoura.

Preparação

Confeccione em EVA o tabuleiro do jogo, que será um quadro dividido em grades que formam nove casas vazias para inserção das demais peças. Corte também 6 símbolos de cruz e 6 símbolos de círculos que se encaixem nas casas vazias

Desenvolvimento da atividade

Assim como na atividade anterior, você deve estimular a utilização do tato como base para sua realização. Durante a ação, os jogadores inserem, em sua vez, os símbolos de círculo ou cruz nas casas do tabuleiro. Ganha aquele que formar uma trinca em sequência. Incentive a leitura, por meio do tato, da posição das próprias peças e do adversário para os alunos definirem as estratégias das jogadas. Lembre-se de fomentar um ambiente de interação divertido e respeitoso.

A atividade é importante pois, ao jogar, as crianças têm a oportunidade de estimular a sensibilidade tátil, desenvolver habilidades motoras e ainda trabalhar a sociabilidade.



CUBO MÁGICO SENSORIAL

Objetivo

Desenvolver a coordenação, o raciocínio lógico, a concentração e a paciência, principalmente com alunos mais velhos e com deficiência visual por meio do cubo mágico.

Materiais

Cubo mágico, algodão, papel frizado, cola quente, tesoura, lixa, clips e lantejoulas.

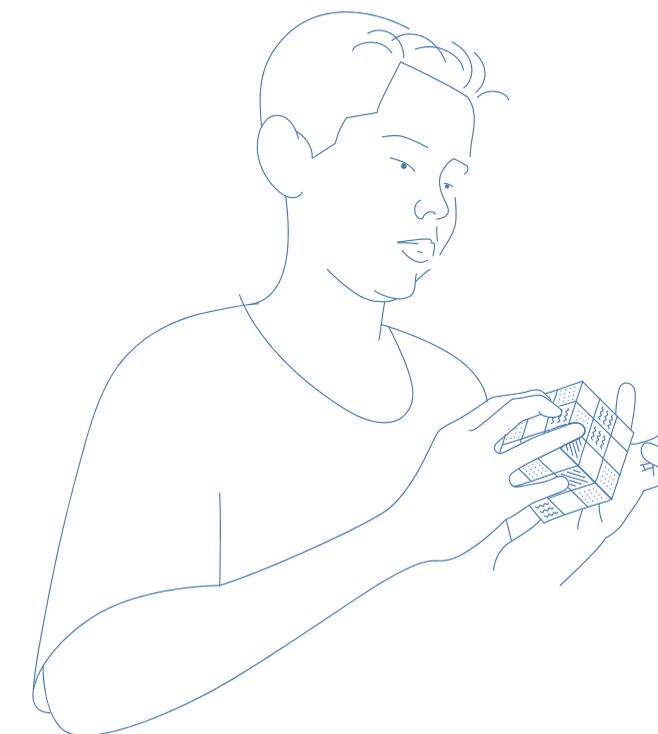
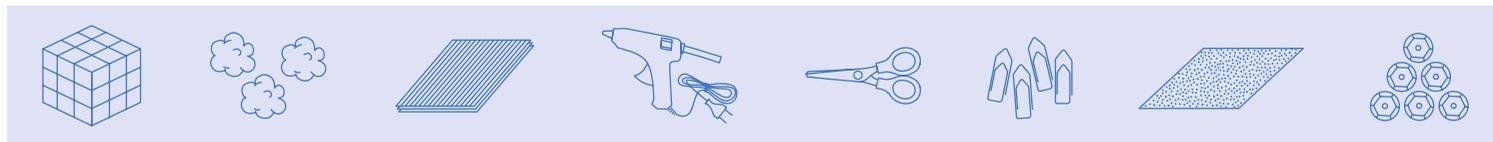
Preparação

Construir um cubo mágico, substituindo as cores por texturas marcantes.

Desenvolvimento da atividade

Deixe o aluno manusear e explorar o cubo mágico sensorial e explique o desafio. Durante a atividade, embaralhe o cubo e incentive o aluno a tentar unir as peças com texturas iguais em um mesmo lado do cubo. Problematize as dificuldades e reconheça as pequenas vitórias rumo ao objetivo.

A atividade, além de ajudar no desenvolvimento de coordenação e de raciocínio lógico, dá a oportunidade de crianças com deficiência visual de participar de uma brincadeira popular, contribuindo para experiência inclusiva e socializadora.



MAPA SENSORIAL DAS REGIÕES

Objetivo

Desenvolver a sensibilidade tátil em crianças com deficiência visual, apoiando o ensino de geografia e história por meio do trabalho com noções de localização espacial.

Materiais

Cartolina, lixa, macarrão, feijão, lantejoulas, miçangas, purpurina, cola e tesoura.

Preparação

Construa um mapa (nacional, estadual ou mundial) com diferentes texturas das regiões que julgar mais importantes, conforme as especificidades locais.

Desenvolvimento da atividade

Utilize o mapa sensorial das regiões no ensino de geografia e história para crianças com deficiência visual. Incite a criança com deficiência a explorar o mapa e suas legendas, orientando-o na compreensão dos diferentes elementos representados. Como muitas áreas do ensino são focadas em estímulos visuais, na maioria das vezes, nada é feito para que esses conhecimentos sejam acessíveis a crianças com deficiência visual. Nesse sentido, a lógica desta atividade pode ser aplicada em diferentes áreas do conhecimento, com focos distintos, como biologia, geografia, história e artes.

A cartografia tátil promovida por mapas sensoriais é uma estratégia importante para o desenvolvimento de habilidades táteis e para a inclusão de pessoas com deficiência visual nas aulas de geografia, história, entre outras disciplinas.



MAPA SENSORIAL DO BRASIL

Objetivo

Da mesma forma que o mapa anterior, esta atividade permite desenvolver a sensibilidade tátil em crianças com deficiência visual, abordando noções de localização espacial, contribuindo para o ensino de geografia e história e outras disciplinas.

Materiais

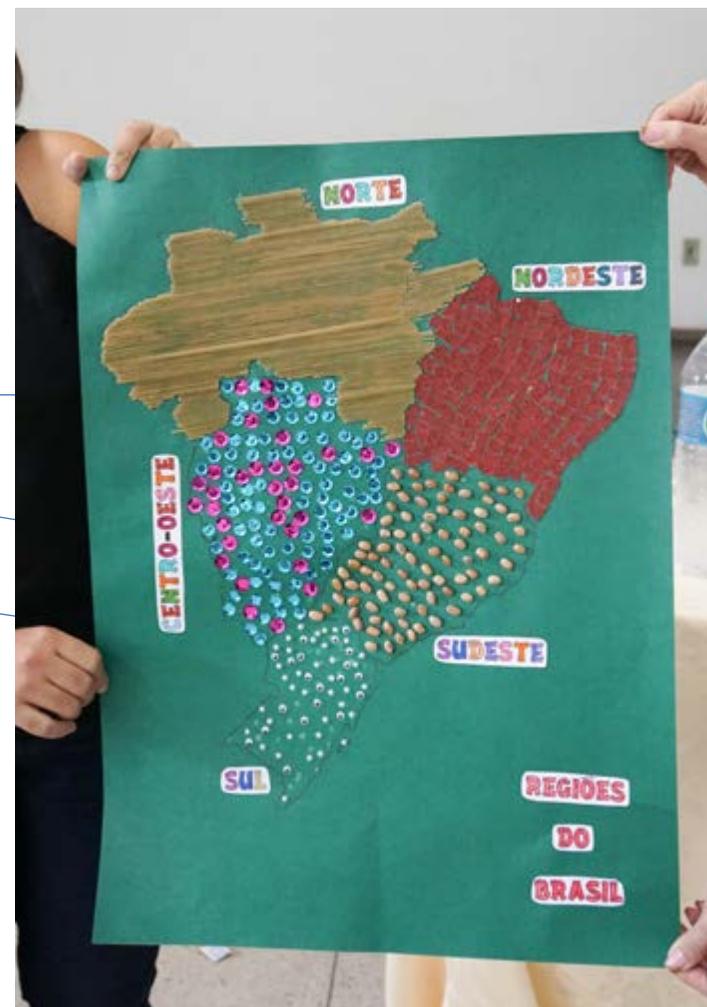
Arroz tingido com guache, purpurina, feijão, algodão, botões, EVA, lápis, canetinha, papel cartão, papel crepom, papel celofane, cola e tesoura.

Preparação

Desenhe uma matriz básica do mapa do Brasil em um papel cartão. As cinco regiões brasileiras – Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste – devem ser cobertas com algum tipo de textura, variando de acordo com os materiais disponíveis.

Desenvolvimento da atividade

Durante a ação, trabalhe o conhecimento cartográfico das regiões brasileiras a partir do tato. Encoraje o estudante com deficiência visual a sentir, por meio das mãos, a forma do mapa do Brasil e como se dá a separação regional do país.



CAIXAS DE COORDENAÇÃO VISOMOTORA

Objetivo

Trabalhar coordenação motora e visual com alunos com baixo nível de visão ou deficiência motora, de modo a possibilitar o reconhecimento de dificuldades nessas áreas em crianças mais novas e sem diagnóstico de deficiência.

Materiais

Caixas de papelão larga, rolos de refil de papel higiênico ou toalha, papel colorido, fita adesiva colorida, bolinhas pequenas, EVA colorido, tesoura e cola.

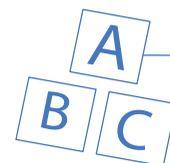
Preparação

Decore uma caixa com abertura superior com uma cor neutra, por dentro e por fora. Em seguida, use cores diferentes e fortes para decorar os quatro refis de papel, que serão fixados no meio dos quatro lados da caixa, no canto inferior entre a base e a parede da caixa. Estes refis funcionarão como uma espécie de túnel por onde as bolinhas atravessarão. Para finalizar, use o EVA para finalizar a decoração, inserindo números dos quatro lados para acrescentar complexidade à atividade. Separe ou produza bolinhas pequenas que passem facilmente pelos refis.

Desenvolvimento da atividade

Proponha à criança que tente passar as bolinhas nos refis de maneiras diferentes. Faça comandos variados utilizando, por exemplo, as cores e os números, e observe atentamente as respostas da criança.

Esta atividade é importante porque permite o estímulo de habilidades visomotoras. Além disso, ela contribui para o diagnóstico de deficiências uma vez que, por meio desse processo lúdico da brincadeira, é possível perceber dificuldades motoras ou visuais dos alunos mais novos.



CORPO HUMANO EM FELTRO

Objetivo

Desenvolver a sensibilidade tátil em crianças com deficiência visual a partir de noções sobre o corpo humano e o funcionamento de certos órgãos, apoiando o ensino de ciências, biologia e outras disciplinas.

Materiais

Feltro, EVA, TNT, velcro, tesoura e cola. É necessário o auxílio de uma costureira para a parte das costuras.

Preparação

Construa um corpo humano com materiais concretos e de textura como o feltro, de modo a ilustrar o funcionamento dos órgãos.

Desenvolvimento da atividade

Durante a atividade, encoraje os alunos a explorar os diferentes elementos que compõem o corpo humano de feltro e aproveite para discutir temas relacionados. Por exemplo, se os estudos estão focados nos órgãos do sistema digestivo, estimule a criança a localizá-los no corpo, discuta o funcionamento dele. Utilize esta oportunidade para debater assuntos como a alimentação de maneira lúdica.

Esta atividade é relevante porque além de trabalhar a sensibilidade tátil, favorece o aprendizado de forma mais concreta e acessível não só para os alunos com deficiência visual.



ROLETA NUMÉRICA EM BRAILE E ARÁBICA

Objetivo

Reconhecer e formar numerais em braile e arábico, compor e decompor numerais naturais e compreender a ideia de centenas, dezenas e unidades (CDU).

Materiais

EVA, tampinhas, parafuso, bucha, miçangas, papelão, cola quente, tesoura.

Preparação

Para produzir o material, corte um círculo no papelão, que deve ser forrado com EVA. Cole as tampinhas com números arábicos feitos de EVA e outras com os numerais em braile, feitos com miçangas. Em seguida, fixe três ponteiros com três texturas diferentes com um parafuso na tampinha central para identificar as centenas, dezenas e unidades.

Desenvolvimento da atividade

Uma atividade possível de se fazer com essa roleta numérica é um jogo que funcione como uma espécie de ditado dos numerais. Inicialmente, apoie o estudante com deficiência visual a fazer o reconhecimento da roleta com as mãos para entender onde estão localizados os números e os ponteiros que representam as centenas, dezenas e unidades. Em seguida, proponha um desafio numérico em forma de ditado para o aluno representar diferentes tipos de numerais na roleta.

O material é importante pois apresenta múltiplas possibilidades de atividades pedagógicas, envolvendo a formação de numerais com CDU, além de ser um meio de aprender números em braile.



CAIXA PARA CONTAR

Objetivo

Desenvolver o raciocínio matemático a partir do trabalho com seriação e a noção de número natural.

Materiais

Caixa de papelão, fita adesiva colorida ou fita crepe, tampas de garrafa PET e tesoura.

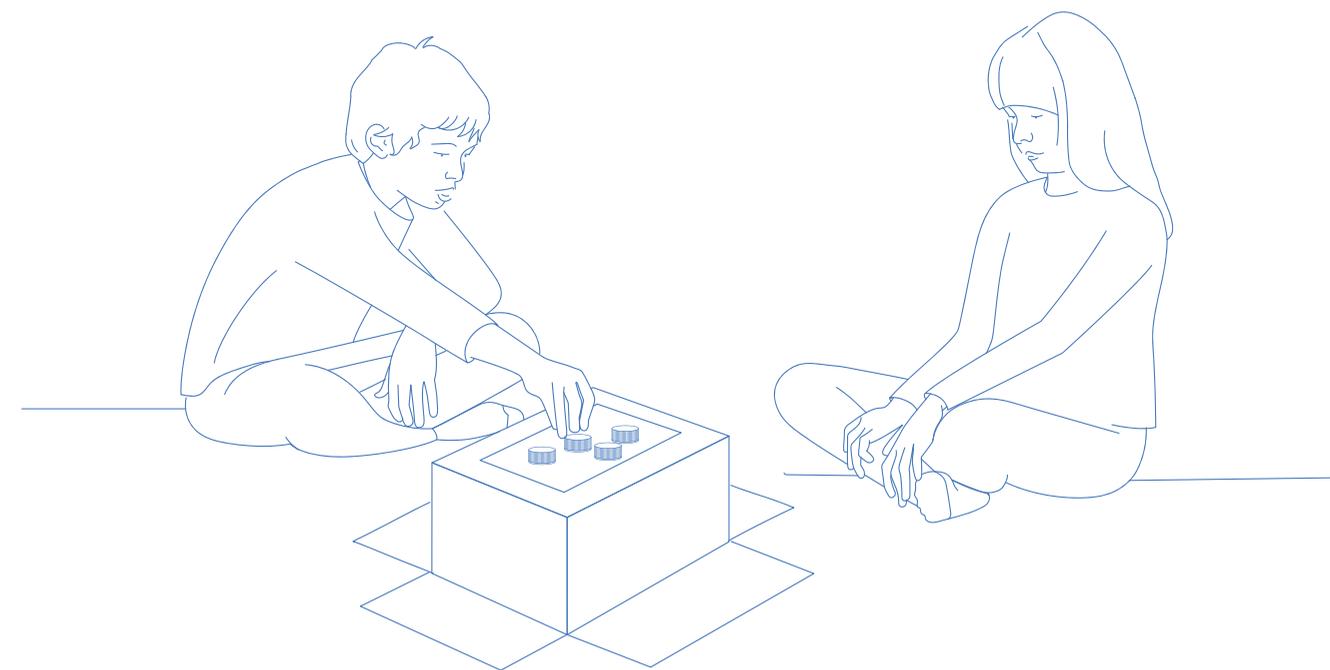
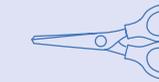
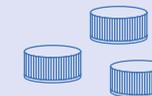
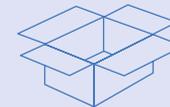
Preparação

Para construir o material, você utilizará basicamente materiais reciclados. Delimite numa caixa de papelão o espaço de um quadro com fita adesiva colorida e separe as tampas de garrafa PET.

Desenvolvimento da atividade

Durante a ação, convide as crianças a inserir as tampinhas no quadro, até que se alcance 10 unidades. A seguir, você pode propor vários tipos de desafios matemáticos. Por exemplo, você pode retirar algumas tampinhas e fazer perguntas acerca de quantas tampinhas faltam para completar a quantidade máxima. O interessante é dar liberdade ao estudante para manusear o material na busca de solução dos problemas propostos. Ao ajuntar as unidades no quadro, a criança conta cada uma delas apenas uma vez, diminuindo a confusão com os objetos que ficam de fora. Partindo do concreto, os estudantes elaboram, pouco a pouco, a noção de número natural.

A caixa para contar feita de material reciclável de 10 numerais é um excelente recurso a ser utilizado em sala de aula ou em casa. Ela proporciona a realização de atividades de seriação, a partir da qual são ordenados os objetos segundo o conceito de número.



FORMAS GEOMÉTRICAS TÁTEIS

Objetivo

Desenvolver potencialidades do aluno com deficiência visual (baixa visão), como percepção, observação, imaginação e sensibilidade, e aprimorar ações de identificação, comparação e classificação de formas geométricas.

Materiais

Papel cartão, EVA, cola quente, materiais com diferentes texturas (lixas, juta, feltro, cabelo de boneca, miçangas e purpurina, entre outros), régua, lápis e tesoura.

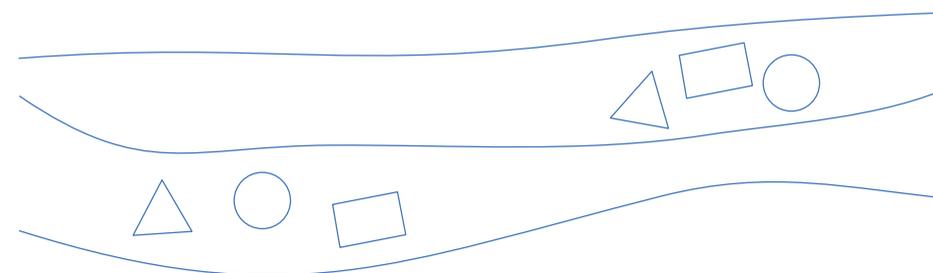
Preparação

O primeiro passo da atividade é confeccionar o material com objetos táteis para as aulas de geometria (quadrado, retângulo, triângulo e círculo). Antes de começar, é preciso fazer alguns testes de tamanho para que os objetos finais caibam em uma folha de papel cartão. Desenhe e recorte, para cada figura, duas formas iguais e as utilize para recortar duas figuras iguais no EVA. Uma vez prontas, é necessário selecionar as texturas que serão nelas coladas: lixas, juta, feltro, cabelo de boneca, miçangas e purpurina são algumas possibilidades. Em seguida, basta colar uma das formas no papel cartão e deixar a outra solta.

Desenvolvimento da atividade

Durante a aplicação da atividade, para identificar as formas geométricas, encoraje a criança a passar a mão na forma colada no papel cartão e sentir a textura. Faça intervenções, especificando, por exemplo, os nomes das formas geométricas ou as características da textura. Por fim, desafie o aluno a procurar entre as formas soltas a que corresponde àquela que foi tocada, pareando-as.

Entre os benefícios desta atividade, se destaca a possibilidade de estimular a sensibilidade tátil atrelada às noções de geometria.



JOGO DA MEMÓRIA AUDITIVO

Objetivo

Desenvolver a atenção, concentração, percepção e a memória auditiva de crianças com deficiência visual e outros públicos por meio do jogo da memória.

Materiais

Tampinhas plásticas de garrafa de refrigerante, materiais que proporcionam diferentes sons (botões pequenos, grãos de feijão, argolas de metal pequenas, grãos de arroz, entre outros), fita adesiva colorida, tesoura e tinta guache.

Preparação

Para confeccionar o jogo, junte pares de tampinha de garrafa de refrigerante e diferentes materiais para os barulhos do chocalho: botões, grãos de feijão, grãos de arroz, argolas de metal ou arruelas. Na sequência, agrupe as tampinhas em dupla em uma mesa, com as bocas viradas para cima. Insira cada um dos materiais que comporão o chocalho em duas tampinhas e utilize o restante das tampinhas para fechar o chocalho, colando-as com fita adesiva. Se quiser, pinte os objetos com tinta guache.

Desenvolvimento da atividade

No jogo da memória auditivo, a meta é encontrar pares de forma semelhante ao jogo da memória tradicional. No entanto, aqui os pares são conectados pelos sons que os chocalhos feitos de materiais recicláveis produzem. Para trabalhar individualmente com uma criança com deficiência visual, o jogo consiste em deixar a criança ouvir os sons que os chocalhos fazem, identificando os pares corretos. Este jogo da memória auditivo também pode ser empregado para um público mais amplo. Por exemplo, é possível utilizá-lo em sala de aula para promover uma brincadeira inclusiva na qual dois alunos – um com deficiência visual e outro com os olhos vendados – sejam estimulados a juntar pares de chocalhos que tenham o mesmo som.

Este jogo é bastante útil para desenvolver habilidades ligadas à memória, além de ser um excelente recurso para a sociabilidade.



CAIXA INTERATIVA

Objetivo

Estimular o desenvolvimento da sensibilidade tátil por meio da brincadeira de explorar os objetos da caixa interativa.

Materiais

Caixa de papelão, materiais reciclados, pequenos brinquedos, EVA de cores variadas, materiais para textura (como purpurina, arroz, lixa), fita adesiva, cola, tesoura, caneta permanente e régua.

Preparação

Para produzir a caixa interativa, corte na parte de cima de uma caixa de papelão, uma cavidade redonda onde seja possível passar a mão de uma pessoa. Em seguida, faça uma tampa especial de EVA cortado para esta cavidade, de modo que não seja possível enxergar dentro da caixa, mas que a criança consiga colocar a mão dentro dela. Na sequência, feche com fita adesiva, encape e decore a caixa em relevo. Por fim, basta dispor objetos de diferentes formatos dentro da caixa. O conteúdo interno pode ser composto de: materiais reciclados (como tampas de formatos diversos, palitos de picolé, etc.), pequenos brinquedos (bolas, miniaturas de plástico, etc.) ou mesmo formas geométricas feitas de EVA e, na medida do possível, texturizadas.

Desenvolvimento da atividade

A proposta da atividade é convidar a criança a manipular diferentes objetos guardados em uma caixa, aproveitando o encanto do mistério do que pode ser descoberto para instigar o interesse e a curiosidade. Ao longo do processo, incentive o estudante a nomear os objetos manuseados, atribuir-lhes funções e possíveis usos e até formar frases. Aproveite para problematizar questões relacionadas ao cotidiano do estudante.

A atividade tem notável importância no estímulo da sensibilidade tátil a partir do uso do tato para a identificação de objetos.



BOLSA OU CAIXA NUMÉRICA

Objetivo

Estimular habilidades de sensibilidade tátil, auxiliando no aprendizado da matemática.

Materiais

Bolsa de pano ou caixa de ovo transparente, EVA em cores variadas, materiais recicláveis variados, cola, tesoura, régua, caneta permanente.

Preparação

Para a confecção do jogo, construa números de 1 a 12 em EVA, a partir de moldes, e separe as respectivas quantidades de materiais. Por exemplo: 1 botão, 2 palitos de picolés, 3 tampinhas de maionese e assim sucessivamente até o número 12. Em seguida, disponha os materiais dentro de uma bolsa de tecido ou caixa de ovo de plástico, que podem ser especialmente decoradas..

Desenvolvimento da atividade

Durante a atividade, estimule os alunos a retirar números ou objetos, relacionando-os mutuamente por meio do tato. Assim, caso retire um número, o estudante deve associá-lo à respectiva quantidade de objetos; por sua vez, se pegar uma quantidade de objetos, precisa ligá-lo a um número.

A importância desta atividade está em contribuir para o aprendizado das noções de número e quantidade a partir de materiais concretos identificados pelo tato.



CAIXA GEOMÉTRICA

Objetivo

Aguçar a sensibilidade tátil, dando suporte ao processo de o aprendizado das formas geométricas.

Materiais

EVA ou papéis coloridos variados, materiais diversos para textura, cola, tesoura, régua, pedaços de madeira.

Preparação

Para a construção do brinquedo, confeccione moldes em papel de várias formas geométricas. Com os moldes prontos, confeccione objetos tridimensionais, representando as formas em madeira ou EVA, texturizado ou não. É interessante que a forma geométrica tenha certo corpo e peso para que facilite o manuseio pela criança. Em seguida, faça buracos numa caixa de papelão correspondentes ao exato tamanho do objeto geométrico. Por fim, enfeite a caixa.

Desenvolvimento da atividade

A atividade é uma releitura de um brinquedo clássico de encaixe. Durante a atividade, estimule o estudante a manipular a forma geométrica e encontrar seu respectivo encaixe na caixa decorada. Encoraje-o a tentar quantas vezes for necessário, reconheça os esforços e vibre junto com ele cada vez que cumprir o objetivo do jogo.

O trabalho com objetos táteis de texturas diferenciadas é valioso uma vez que ajuda a criança com deficiência visual a identificar, entre outras coisas, formas geométricas e, assim, desenvolver o aprendizado matemático. Também é um ótimo exercício para o treinamento sensorial.



ALGARISMOS

Objetivo

Fomentar o desenvolvimento da sensibilidade tátil e conhecimentos matemáticos por meio de proposições com os algarismos.

Materiais

EVA, papel, prendedores de roupa, cola quente, tesoura.

Preparação

Construa com EVA em alto relevo os nove algarismos cardinais. Em seguida, faça nove círculos do mesmo material e fixe cada número em no centro de um círculo diferente. Para finalizar, prenda uma quantidade de prendedores na extremidade de cada círculo correspondente ao algarismo representado.

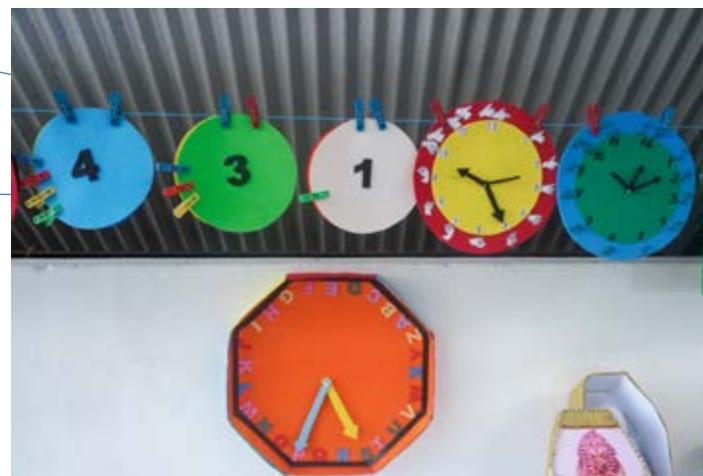
Desenvolvimento da atividade

Com este material, é possível trabalhar os algarismos de forma divertida e interativa com estudantes com deficiência visual. Um jogo, por exemplo, pode ser retirar todos os prendedores e estimular o aluno a colocar o número de prendedores indicado em cada círculo.

O valor desta atividade reside na possibilidade conjugar o trabalho de habilidades táteis com o aprendizado dos algarismos com alunos com deficiência visual.



A
B
C



RELÓGIO BRAILE

Objetivo

Trabalhar o reconhecimento dos números e das horas, contribuindo, assim, para construção da noção de tempo entre estudantes com deficiência visual.

Materiais

EVA, tesoura, cola quente.

Preparação

Na fabricação do relógio em braile, utiliza-se EVA para recortar um círculo e as duas setas que servem de ponteiro, tudo em tamanho grande. No lugar dos números cardinais tradicionais, são posicionados números em braile, também feitos de EVA.

Desenvolvimento da atividade

Com o objeto, você pode estimular os estudantes a manipularem os ponteiros e determinar as horas. Por meio dessa atividade, o aluno desenvolve a noção de posicionamento dos números nos relógios e pode passar a verificar as horas autonomamente em qualquer relógio de ponteiros expostos.

Para crianças com deficiência visual, várias situações cotidianas carecem de acessibilidade. Uma delas se refere ao entendimento e controle da passagem do tempo, fundamental para construção da rotina diária. Conhecer as horas é de extrema relevância para qualquer indivíduo e por isto este material é tão importante.



A
B C

CADÊ O PAR?

Objetivo

Desenvolver a coordenação motora, além de incluir e integrar a criança com deficiência visual no espaço escolar a partir de jogo da memória.

Materiais

Papel mais firme (papel cartão, papelão, cartolina), materiais com texturas diversas, tesoura e cola.

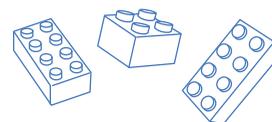
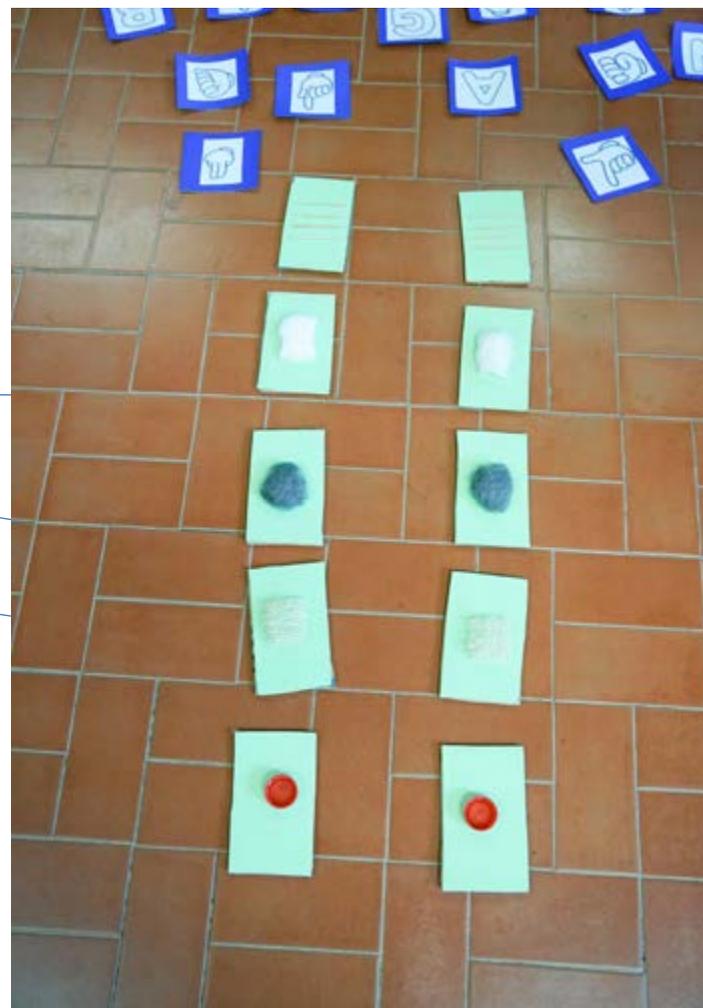
Preparação

A atividade é bem parecida com o jogo da memória tradicional, com a diferença de que há cartelas texturizadas. Para confeccioná-las, em um papel firme, como papel cartão, cartolina ou papelão, cole diferentes texturas sobre um dos lados, tendo o cuidado de que haja sempre pares de cartelas. Sugere-se o mínimo de 8 pares de cartões.

Desenvolvimento da atividade

Durante o jogo, as cartelas serão dispostas lado a lado. Tocando-as, cada criança tem a chance de formar o par correto. Vence aquele que fizer mais pares com texturas iguais. Para dinamizar ainda mais o jogo e ampliar a aplicabilidade, sugere-se que os participantes que possuam visão cubram os olhos com uma venda.

O uso desse material propicia vários benefícios: cria interação entre todos os participantes, com deficiência visual ou não; promove a percepção de texturas a partir do contato; aguça a memória e a coordenação motora; possibilita que crianças com visão possam entender como o colega com deficiência visual percebe o mundo.



DADO DIDÁTICO EM BRAILE

Objetivo

Estimular a interação e o trabalho com números no campo da matemática.

Materiais

EVA, cola quente, cola de EVA, recortes de papelão.

Preparação

Para fazer o cubo, utilize papelão recortado. Feito isso, cubra o cubo com EVA. Em cada uma das faces, cole pequenos círculos em relevo, formando os números respectivos em braille.

Desenvolvimento da atividade

O dado didático em braille pode ser usado em diferentes situações e brincadeiras. Utilize para integrar a criança com deficiência visual em jogos com a turma na escola. Afinal, com um dado em formato grande, é possível fazer com que os estudantes se socializem e, pouco a pouco, familiarizem-se com os números cardinais.

Além de exercitar aspectos sensoriais, ele também estimula o desenvolvimento motor ao propor, no ato de jogá-lo e manipulá-lo, movimentos e interações entre sujeitos.



DEFICIÊNCIA AUDITIVA





PARA REFLETIR

“A inclusão de pessoas com surdez na escola comum requer que se busquem meios para beneficiar sua participação e aprendizagem tanto na sala de aula como no Atendimento Educacional Especializado. [...] o aperfeiçoamento da escola comum em favor de todos os alunos é primordial. [...] os professores precisam conhecer e usar a Língua de Sinais, entretanto, deve-se considerar que a simples adoção dessa língua não é suficiente para escolarizar o aluno com surdez. Assim, a escola comum precisa implementar ações que tenham sentido para os alunos em geral e que esse sentido possa ser compartilhado com os alunos com surdez. Mais do que a utilização de uma língua, os alunos com surdez precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento, explorem suas capacidades, em todos os sentidos” (DAMÁZIO, 2007, p. 14).

JOGO DA MEMÓRIA EM LIBRAS

Objetivo

Conhecer e memorizar verbos em português e em libras através de um jogo da memória.

Materiais

Impressos de verbos e imagens de língua de sinais (retiradas da internet), cartolina, tesoura, cola e plastificação das cartas.

Preparação

Imprima em cartolina imagens de verbos em língua de sinais e verbos escritos em português, sempre formando pares de cartas. Em seguida, recomendamos plastificar as cartas para maior durabilidade. Feito isso, o material já está pronto para ser usado em sala de aula.

Desenvolvimento da atividade

Peça às crianças para virar as cartas de duas em duas até encontrar as cartas que representem o mesmo verbo. Ganha aquele que conseguir juntar mais pares de verbos idênticos em português e libras.

A atividade é relevante porque o processo de memorização promovido pelo jogo da memória favorece a construção linguística das crianças que crescem em ambiente de ensino bilíngue. Além disso, a atividade também pode ser desenvolvida com outras classes de palavras, até mesclando os alfabetos na forma de escrita bastão e em libras.



A
B C



DOMINÓ COM CAIXA DE LEITE

Objetivo

Conhecer verbos em português padrão e na língua de sinais por meio do jogo de dominó.

Materiais

Caixas de leite, jornal ou papel colorido, cola, imagens impressas.

Preparação

Para construir o dominó, encape caixas de leite com jornal ou papel colorido. Em seguida, fixe imagens de verbos em português e em libras, formando pares de caixas para cada verbo. O número de caixas vai depender da quantidade de alunos. Para ter uma noção, no dominó tradicional, cada jogador recebe 7 peças.

Desenvolvimento da atividade

Divida as caixas entre os alunos (que podem ser divididos em grupos de 4, para que todos tenham a oportunidade de jogar). O jogo consiste em combinar os verbos de acordo com a imagem em português e seu respectivo sinal em libras. Como no dominó tradicional, ganha o jogo quem primeiro combinar todas as suas caixas.

O dominó com caixa de leite é importante por se tratar de uma forma lúdica de trabalhar o ensino bilíngue com crianças com deficiência auditiva. Ademais, possibilita que as crianças sem esse tipo de deficiência também aprendam a língua de sinais (libras).



CAIXA DO ALFABETO E NÚMEROS EM LÍNGUA DE SINAIS

Objetivo

Auxiliar no desenvolvimento da língua de sinais e ampliar o repertório de sinais e palavras do aluno através do manuseio de letras e números.

Materiais

EVA ou papéis de cores variadas, impressos dos sinais, letras do alfabeto e números (papel sulfite A4), cola, tesoura, régua, papel cartão, caixa de papelão (ou pasta).

Preparação

Imprima em papel comum os sinais dos números e letras do alfabeto, facilmente encontrados na internet. Depois disso, recorte e cole as impressões em papel cartão para que fiquem firmes e tenham maior durabilidade. Do lado oposto ao sinal, indique a letra ou o número correspondente. Para guardar o material, encontre uma caixa em que caiba o papel tamanho ofício e decore com papel colorido ou EVA, de forma que seja possível inserir e retirar os cartões com facilidade. Se achar melhor, substitua a caixa por uma pasta.

Desenvolvimento da atividade

Pense em atividades direcionadas utilizando a caixa, como um ditado na língua dos sinais, por exemplo, em que os alunos precisam escrever as palavras em português. Também estimule os estudantes a manuseá-la no dia a dia sem um direcionamento mais específico.

Esta caixa é interessante porque pode ser utilizada tanto em sala de aula quanto em casa, pela família do estudante. Ela auxilia na integração do ensino de libras na vida cotidiana da criança, pois facilita a aprendizagem de vocabulário e associação dos sinais com as letras do alfabeto manual.



BINGO DOS VERBOS

Objetivo

Trabalhar a inclusão de alunos com deficiência auditiva e o aprendizado de verbos jogando bingo.

Materiais

Cola, tesoura, régua, papel cartão, papel sulfite e pasta.

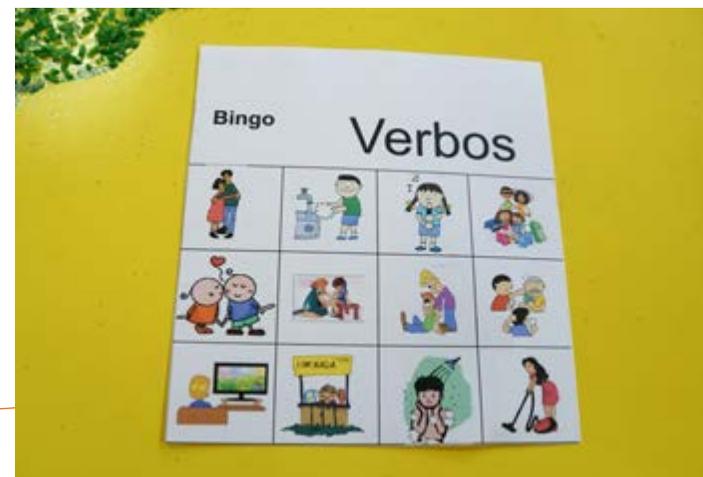
Preparação

Monte cartelas com verbos do cotidiano dos alunos e escreva esses mesmos verbos nos papéis que serão sorteados, cada um contendo um dos verbos do conjunto de cartelas. Dependendo do grau de letramento dos alunos, peça que eles mesmos escrevam os verbos a serem sorteados nas cartelas e nos papéis. Feito isso, coloque os verbos numa pasta, que será usada para o sorteio.

Desenvolvimento da atividade

Como num bingo qualquer, distribua a cartela entre os alunos. Em seguida, sorteie um verbo da pasta e, além de anunciá-lo em voz alta, escreva o verbo na lousa e/ou o apresente em língua de sinais, para que a atividade seja acessível a crianças com deficiência auditiva. Peça aos alunos que, assim que completarem a cartela, levantem as mãos.

O bingo dos verbos é um recurso didático bastante relevante porque permite a ampliação de conhecimentos de maneira divertida e interativa. Além de tornar o bingo, uma atividade muito tradicional, acessível a pessoas com deficiência auditiva. Sempre é possível criar estratégias mais inclusivas para os jogos, incluindo mecanismos de contribuir para processos de ensino-aprendizagem.



AUTODITADO OU DITADO MUDO COM CAIXA SURPRESA

Objetivo

Adaptar uma das práticas mais comuns de alfabetização a alunos com deficiência auditiva, estimulando a inclusão e interação na sala de aula.

Materiais

Caixa de papelão, EVA ou papel colorido, fita adesiva, tesoura, cola, papel sulfite A4, caderno e lápis de escrever.

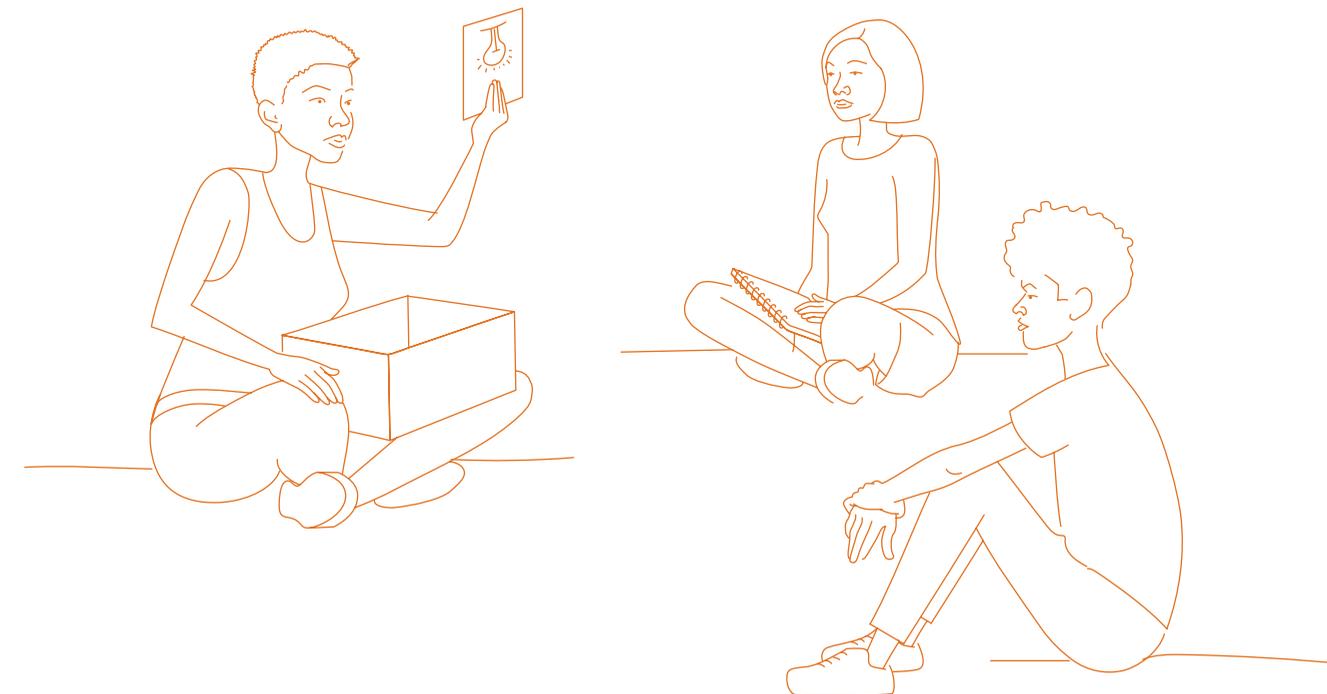
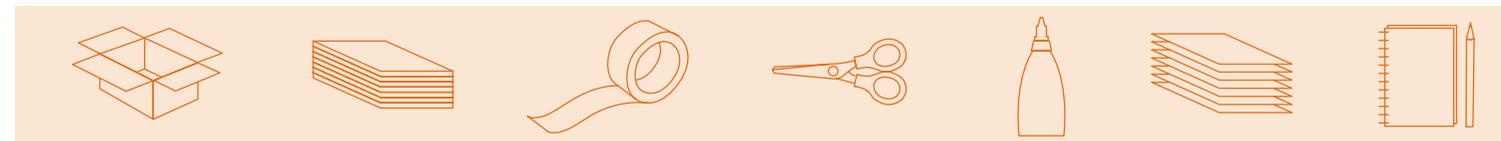
Preparação

A montagem do material é bem simples. Decore uma caixa de papelão para ser a caixa surpresa e imprima imagens que representem verbos. Em seguida, insira todas as imagens na caixa. É possível pensar numa caixa para cada aluno (quando ocorre o autoditado) ou mesmo numa caixa para a turma toda (nesse caso, podemos chamar de ditado mudo).

Desenvolvimento da atividade

No caso do autoditado, cada aluno retira uma imagem de sua própria caixa e escreve o verbo em seu caderno. No caso do ditado mudo, é o professor quem retira uma imagem de cada vez e apresenta para os alunos, que também devem escrever o verbo em seus cadernos.

Nos dois casos, a atividade é importante porque permite a adaptação do ditado, uma das práticas mais comuns de alfabetização, a alunos com deficiência auditiva, estimulando assim sua inclusão, além de diversificar a atividade para aqueles alunos que não apresentam deficiência.



COLETA SELETIVA EM LIBRAS

Objetivo

Trabalhar noções de sustentabilidade e consciência ambiental, com foco na língua de sinais e na coleta seletiva.

Materiais

Latas grandes de leite em pó, EVA, cola quente, régua, lápis, palito de churrasco, papel cartão.

Preparação

Faça cestos com latas de leite em pó, cobertas com EVA nas cores correspondentes da coleta seletiva – azul para papel e papelão, vermelho para plástico, verde para vidro e amarelo para metal. Em cada um dos cestos, fixe adesivos ou imagens impressas representando o tipo de material que devem ser neles depositados e também inclua os sinais dos materiais coletados em cada uma das latas.

Desenvolvimento da atividade

Explique para as crianças sobre a necessidade de manter o ambiente limpo e separar o lixo. Incentive que elas separem o lixo produzido em sala, depositando-o no lugar certo, para benefício da coletividade. Também é possível que elas reproduzam a atividade em casa. Fale sobre isso com elas.

Pensando na preservação da vida no planeta, a coleta seletiva tem sido defendida e adotada em todo o mundo. A escola tem um importante papel na conscientização dos estudantes a respeito do assunto. Além de contribuir para a sustentabilidade, a atividade é relevante na medida em que, ao falar de coleta seletiva, que é um tema fundamental para a formação dos alunos, traz à tona a língua de sinais, com a qual são definidos os locais de descarte dos diferentes produtos.



Conheça também estes instrumentos para a inclusão

EMOCIONÔMETRO

Objetivo

Facilitar a comunicação entre estudante com deficiência auditiva e educadora ou educador que não domina a língua de sinais.

Materiais

EVA, caneta permanente, cola de EVA, tesoura.

Preparação

Para construir um emocionômetro, recorte carinhas de emoticons em EVA amarelo, representando diferentes sentimentos/atitudes: feliz, triste, chorando etc.

Usos

Como atender o estudante com deficiência auditiva sem a língua de sinais? Essa é uma questão que faz parte do cotidiano de educadores que têm de atender a crianças com deficiência auditiva, mas que ainda não sabem a língua de sinais.

Aqui não se propõe uma atividade, e sim um instrumento que pode contribuir na relação entre educador-estudante: o emocionômetro. Ele não dispensa, é claro, a necessidade do aprendizado de libras por parte do docente, a fim de que haja uma comunicação mais efetiva e elaborada. Serve apenas como um elo primeiro na constituição de uma relação, sobretudo quando a criança é nova na turma. Nele, é possível colocar tarefas ou atividades rotineiras da vida escolar do aluno, junto de suas percepções e emoções.

O kit de emoticons que constitui o emocionômetro deve ficar disponível na sala para que, sempre que queira ou sinta algo, a criança possa acioná-lo e indicar sua emoção. A ideia é incluir o estudante e compreender suas demandas, quando o acesso à língua de sinais for precário ou ausente.



Conheça também estes instrumentos para a inclusão

PLACAS PARA SINALIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR

Objetivo

Auxiliar o acesso de alunos com deficiência auditiva a espaços e atividades da escola e disseminar a língua de sinais.

Materiais

Papéis, tesouras, canetões ou tinta, cola, fita adesiva.

Preparação

Faça um levantamento, junto a seus colegas da equipe escolar e aos alunos, de quais espaços da escola e das salas de aula podem receber uma sinalização que auxilie os estudantes com deficiência auditiva na compreensão de como acessar os espaços e práticas da escola.

Uma vez feita a seleção das placas a serem criadas e dos locais em que elas serão afixadas, mãos à obra! Convide estudantes, professores e funcionários para a criação coletiva das mesmas, e ainda para a atividade de afixá-las nos locais selecionados.

Usos

As placas podem ser um bom dispositivo para facilitar o acesso dos alunos com deficiência auditiva às áreas e práticas da escola e da sala de aula, assim como para auxiliar todos os alunos a desenvolverem a língua de sinais. É indicado, portanto, que elas sejam espalhadas por toda a escola e que a comunidade escolar seja incentivada a ampliar essa sinalização, sempre que possível. Outra possibilidade a ser explorada – essa em sala de aula – é a criação de fichas semelhantes, que indiquem determinadas práticas ou temas de trabalho.



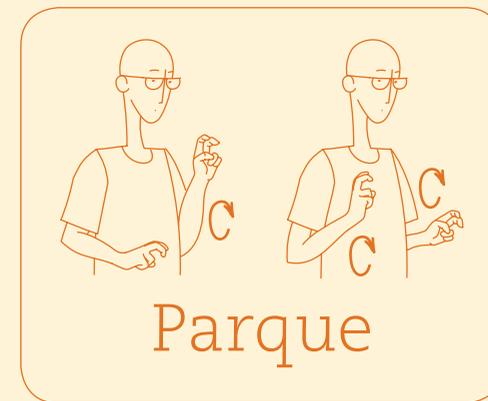
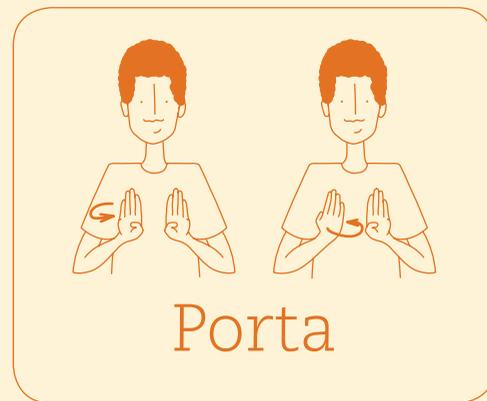
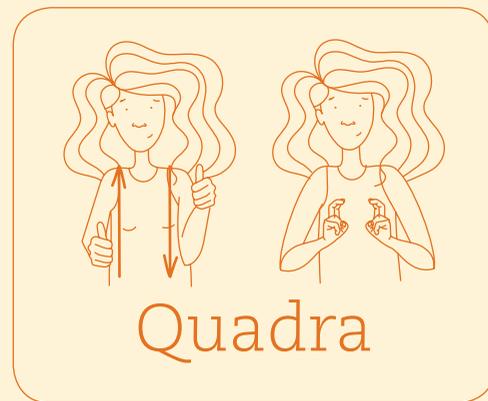
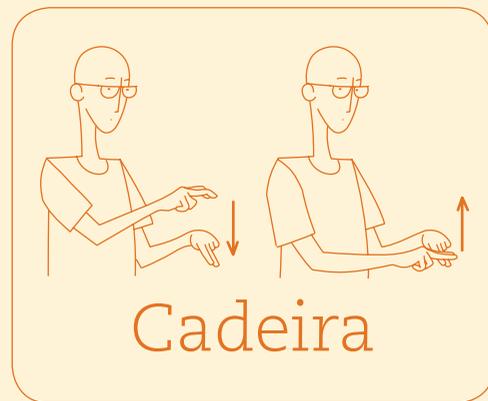
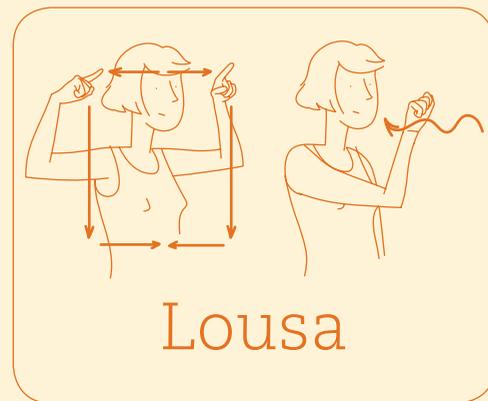
A SEGUIR, APRESENTAMOS POSSIBILIDADES DE PLACAS DE SINALIZAÇÃO:

Brincadeira/
Jogos

Atividade
escrita

Janela

VEJA OUTROS EXEMPLOS DE PLACAS
DE SINALIZAÇÃO:



DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL





“A escola [...], ao desenvolver o atendimento educacional especializado, deve oferecer todas as oportunidades possíveis para que, nos espaços educacionais em que ele acontece, o aluno seja incentivado a se expressar, pesquisar, inventar hipóteses e reinventar o conhecimento livremente. Assim, ele pode trazer para os atendimentos os conteúdos advindos da sua própria experiência, segundo seus desejos, necessidades e capacidades. O exercício da atividade cognitiva ocorrerá a partir desses conteúdos. [...] O objetivo do atendimento educacional especializado é propiciar condições e liberdade para que o aluno com deficiência mental possa construir a sua inteligência, dentro do quadro de recursos intelectuais que lhe é disponível, tornando-se agente capaz de produzir significado/conhecimento” (BATISTA, 2006, p. 20-21).

CAIXA DE COORDENAÇÃO MOTORA

Objetivo

Desenvolver a coordenação motora e o raciocínio lógico com crianças com diferentes graus de deficiência intelectual.

Materiais

Caixa de papelão, tinta, pincel, palitos de picolé.

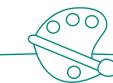
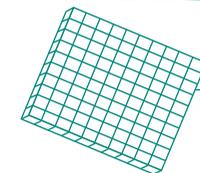
Preparação

Prepare uma caixa de papelão pintando cada uma de suas superfícies com cores diferentes. No espaço de cada cor, faça um pequeno corte, em diferentes direções, de modo que seja possível fixar um palito de picolé nele. Pinte também os palitos nas respectivas tonalidades usadas na caixa. O objeto está pronto para ser manuseado.

Desenvolvimento da atividade

Convide as crianças a tentar fixar na caixa, de acordo com a direção do furo e a cor, os palitos de picolé. A coordenação motora necessária para o desenvolvimento da atividade pode variar de acordo com as orientações da professora ou professor. Deixar o aluno fazer a atividade com a caixa nas próprias mãos é mais fácil do que quando ela é posta em cima de uma mesa. À medida que a criança se desenvolve, aplique a mesma brincadeira com complexidades diferentes.

A atividade parece simples, mas é importante por permitir trabalhar tanto o raciocínio na definição do modo de encaixar os palitos em uma caixa em diferentes direções e de acordo com sua respectiva cor, quanto por auxiliar habilidades motoras no encaixe efetivo dos palitos.



ROLOS DE LEITURA

Objetivo

Estimular a alfabetização a partir da experimentação sensorial integrada e aprimorar a coordenação motora dos membros superiores.

Materiais

Rolos de papelão (de papel higiênico, de papel toalha, de tecidos, entre outros), papel colorido, EVA, tesoura, cola, caneta, canetinha.

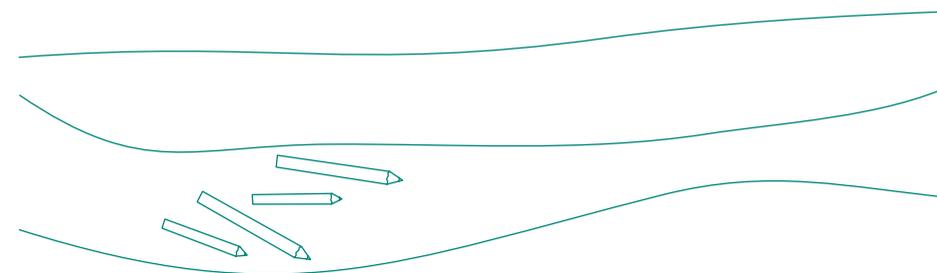
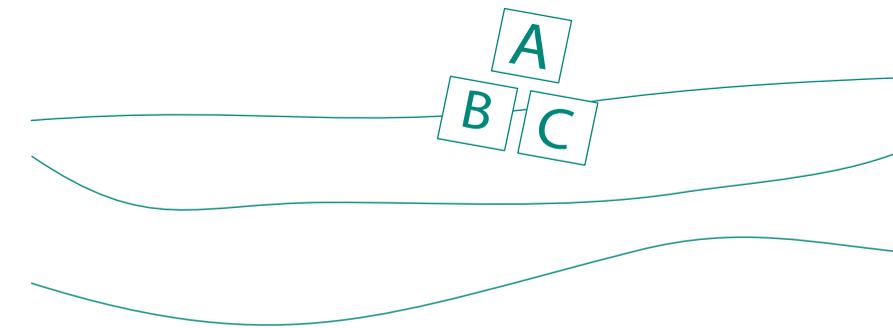
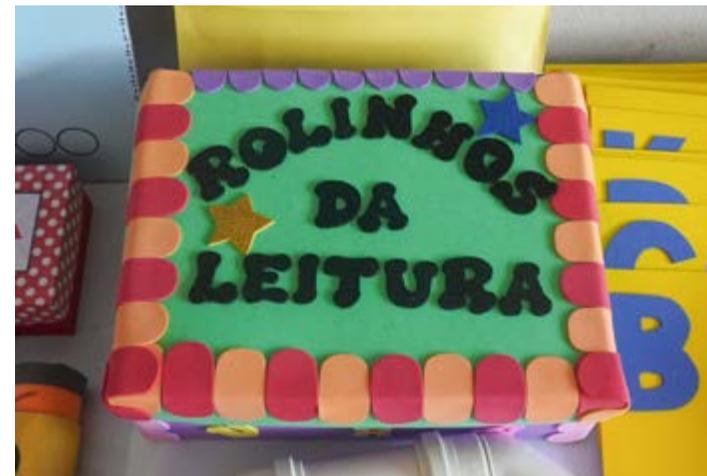
Preparação:

A preparação dos rolos é simples: escreva sílabas variadas sobre rolos de diversos tamanhos e pronto!

Desenvolvimento da atividade

Estimule os estudantes a formarem palavras colocando um rolo dentro do outro. Você pode indicar palavras e os estudantes podem, por si mesmos, formá-las, lê-las, perceber suas sílabas, girar os rolinhos, juntá-los de novas formas.

Os rolos são um objeto lúdico que permite a apropriação das palavras, o desenvolvimento da linguagem e integram tato e visão durante a manipulação pelas crianças. A atividade é relevante porque, ao realizá-la, os alunos movimentam o corpo e podem participar, com integralidade, do processo de alfabetização, sempre respeitando seus limites pessoais.



BRINCADEIRA DO SOPRO

Objetivo

Desenvolver com diversos tipos de aluno uma brincadeira de fortalecimento dos músculos faciais. Especialmente recomendado para alunos com Síndrome de Down.

Materiais

Garrafa PET, papel picado, bolinhas de isopor, tule, barbante, fita ou durex (para prender o tule).

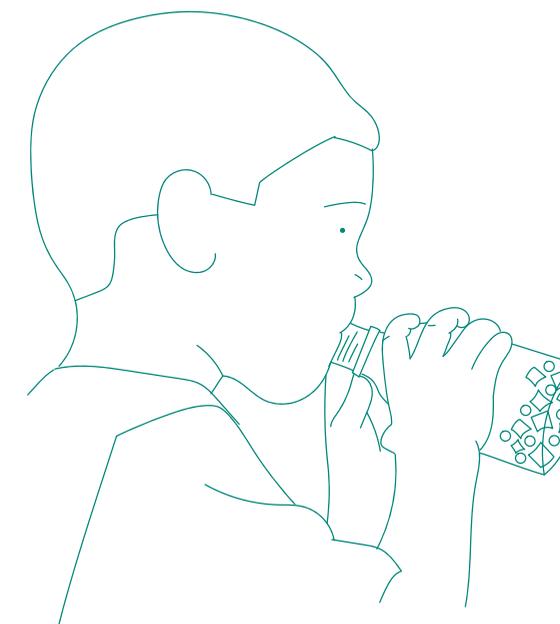
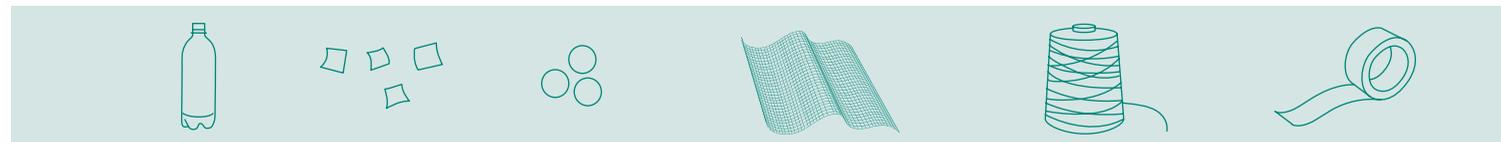
Preparação

Corte um uma garrafa PET ao meio e separe para utilização a parte da tampa. Feche a base com tule e deposite materiais leves, como bolinhas de isopor ou retalhos de papel. Por fim, tampe a boca da garrafa com outro pedaço de tule. Pronto! O objeto já está preparado para ser usado pelas crianças.

Desenvolvimento da atividade

É bem simples: estimule a criança a soprar a boca de uma garrafa e observar a flutuação de materiais leves.

A brincadeira do sopro, ainda que possa ser aplicada com diferentes grupos de alunos, é recomendada, em especial, para aqueles que têm Síndrome de Down. É importante porque, ludicamente, o estudante exercita os músculos faciais.



JOGO DAS MÃOS

Objetivo

Identificar quantidades e associá-las a numerais utilizando mãos recortadas em EVA e outros objetos.

Materiais

EVA colorido, cola, tesoura, régua, papel cartão, velcro, pacote de folhas sulfite A4, tampinhas recicláveis ou outros materiais para a atividade de contagem.

Preparação

Separe tampinhas recicláveis ou outros materiais que podem ser usados para contar e recorte o EVA em formato de mãos. Pode-se usar como molde as próprias mãos dos estudantes, desenhadas, previamente, em folhas de papel sulfite.

Fixe os velcros de modo a possibilitar a simulação da contagem que fazemos com as mãos. Fixe as duas mãos em uma base de papel cartão e decore o material conforme seu gosto. Produza também números para que a criança possa associar a contagem das mãos como os algarismos.

Desenvolvimento da atividade

Na brincadeira as protagonistas são mãos feitas de EVA. Incentive o aluno a contar de maneira divertida, utilizando tampinhas recicláveis ou outros objetos. Selecione entre 1 e 10 objetos e estimule o estudante a movimentar os dedos e pregar com velcro para que as mãos demonstrem a quantidade correspondente. Ao ver as mãos e tocá-las, os alunos são capazes, conforme seu próprio ritmo, de relacionar os números com as quantidades de tampinhas ou outros objetos observados.

A atividade é relevante porque a criança aprende a identificar quantidades e associá-las a numerais com mais facilidade. A ludicidade contribui para a construção do conhecimento.



QUADRO VALOR DE LUGAR

Objetivo

Auxiliar alunos com deficiência intelectual na compreensão dos conceitos de unidade, dezena e centena, fundamentais em situações da vida prática através da utilização do Quando Valor de Lugar (QVL).

Materiais

EVA, papel cartão colorido, cola, tesoura, numerais impressos.

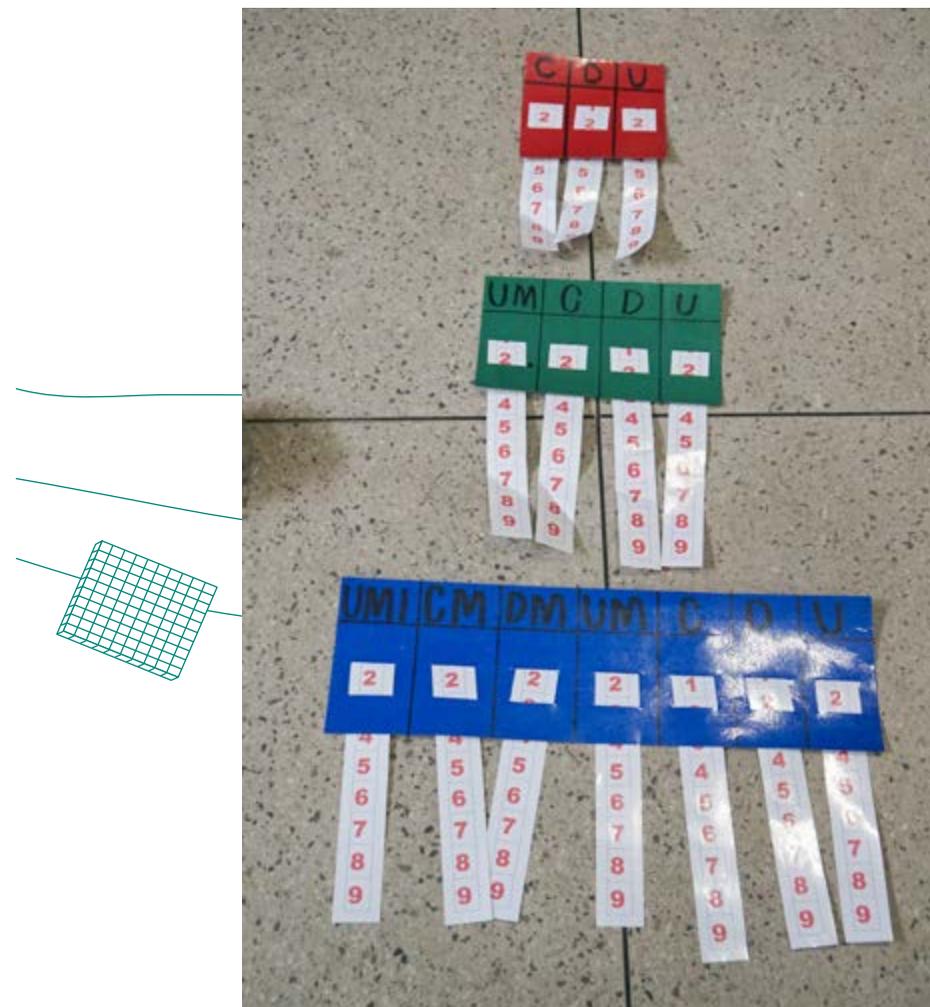
Preparação

Para começar, construa um QVL. Existem diversos modelos disponíveis na Internet e ele pode até mesmo ser apenas impresso. Mas seria interessante que o docente pedisse a criação do instrumento em casa, com o auxílio dos pais/responsáveis, por exemplo. Também imprima numerais.

Desenvolvimento da atividade

Durante a aula, fixe o QVL no quadro da sala ou deixe-o na mesa do aluno com deficiência intelectual, a fim de que seja manuseado com facilidade e conforme as necessidades da própria criança. Dê comandos para que o estudante movimente fichas com números impressos entre as casas do QVL – isto é, entre as classes de unidades simples, milhares e milhões –, e, em seguida, vocalize o valor do numeral em cada uma das casas. No final, o número formado também é lido em voz alta. O tempo de aprendizagem de cada sujeito deve ser respeitado e as diferenças, valorizadas.

A sala de aula precisa ser um espaço pautado no princípio da participação e da igualdade de oportunidades. E isso deve ser um princípio de ensino-aprendizado de todos os componentes. Essa atividade é importante porque, embora de longa data, traz para as aulas de matemática a possibilidade de tornar o processo de aprendizagem significativo e acessível a todos os estudantes, incluindo crianças com deficiência intelectual.



CHINELADA NA BARATA

Objetivo

Estimular o raciocínio e a coordenação motora do aluno por meio de uma brincadeira bastante divertida.

Materiais

EVA e papéis coloridos, cola quente, velcro, olhos de plástico para brinquedos.

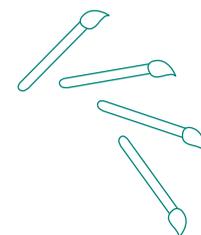
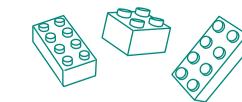
Preparação

Confeccione os objetos que servirão de alvo, no caso, baratinhas. Para fazê-las, utilize EVA colorido dividido em seis partes, correspondentes a duas asas, ao corpo da barata, a duas anteninhas e aos olhos, normalmente feitos de EVA branco. Depois de montadas, é hora de colar nas baratas números, letras, palavras ou imagens (produzidos de EVA ou papel e pregados com velcro). Fabrique também o chinelo. Utilize EVA recortado em três partes: uma sola e duas tiras.

Desenvolvimento da atividade

Tudo preparado, espalhe as baratinhas sobre uma superfície reta. Em seguida, dê o chinelo para um aluno e peça que ele escolha uma baratinha para dar a chinelada, identificando-a pela marcação (número, imagem ou palavra) disposta nas costas dela.

O trabalho com os alvos são o objeto de atenção desta atividade. A chinelada na barata é uma brincadeira relevante porque é divertida e desafiadora. A partir dela a criança se sente participativa enquanto aprende a formar, por exemplo, sílabas e a lidar com numerais.



CAIXA DE SUBTRAÇÃO

Objetivo

Auxiliar alunos com deficiência intelectual a realizarem a operação de subtração.

Materiais

12 rolos de papel higiênico ou papel toalha, caixa de sapato, EVA, papel colorido, lápis, cola quente e tesoura.

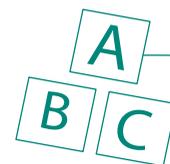
Preparação

Em uma caixa de sapato, faça três buracos alinhados, usando como molde um rolo de papel higiênico ou papel toalha. Em seguida, em outros pontos, abra 12 buracos menores, do tamanho de uma bola de gude. Com a caixa devidamente furada, encape os rolos de papel com EVA colorido e enumere-os de 1 a 12. Eles serão os suportes de equação da caixa. Ainda com o EVA, faça 12 pequenas bolinhas de forma que elas fiquem levemente suspensas nos buracos pequenos. Com um lápis e EVA, construa uma espécie de “martelo” de ponta fina, firme o suficiente para bater nas bolinhas e empurrá-las para dentro da caixa. Caso deseje, decore a caixa e aproveite a brincadeira, deixando que as crianças se divirtam e, ao mesmo tempo, aprendam matemática.

Desenvolvimento da atividade

A atividade consiste em preencher os buracos com o número de bolinhas a ser subtraído. Em seguida peça que a criança, com o martelo, subtraia a quantidade indicada na operação. Por exemplo, na operação $8 - 3$, o oito indica o número de bolinhas que ficam suspensas e o três, aquelas que devem ser subtraídas com o martelo. O resultado da subtração corresponde à quantidade de bolinhas suspensas restantes. Os rolos indicam os valores possíveis para os cálculos.

Para que alunos com deficiência intelectual superem dificuldades de aprendizagem em relação a operações matemáticas, é necessário o desenvolvimento de práticas pedagógicas diferenciadas. A caixa de subtração é relevante na medida em que contribui exatamente para tal superação, e ela pode ser construída facilmente com materiais recicláveis.



BINGO DO ALFABETO

Objetivo

Desenvolver o conhecimento do alfabeto jogando bingo.

Materiais

Saco de pano ou plástico, letras do alfabeto recortadas, cartelas com variações de letras do alfabeto (impressa), algum tipo de grão para marcar a cartela.

Preparação

Busque na internet modelos de cartelas e de letras para serem sorteadas para o bingo do alfabeto (também conhecido como bingo das letras). Imprima em papel sulfite os modelos escolhido, cole em papel cartão para reforçar e corte as cartelas e as letras. As cartelas serão distribuídas entre os alunos, as letras, colocadas no saco de pano ou de plástico.

Desenvolvimento da atividade

Faça uma roda com as crianças. Em seguida, pergunte a elas qual a primeira letra do próprio nome. Como treinamento, pode ser feita a mesma dinâmica com o nome de parentes. Algumas crianças podem apresentar, ainda, dificuldade no reconhecimento da letra. Caso isso ocorra, ajude-as no processo, tentando sempre contar com o apoio dos outros estudantes. Depois disso, entregue as cartelas com as letras do alfabeto e os grãos para a marcação das letras sorteadas. Pegue o saco e sorteie uma letra de cada vez. Vence o jogo quem primeiro preencher todas as letras da cartela do bingo do alfabeto.

A atividade pretende trabalhar o ensino do alfabeto a partir de uma prática interativa e lúdica. É importante porque, com ela, os estudantes podem aprender os grafemas e fonemas do alfabeto da língua portuguesa, relacionando-os corretamente.



TEXTO FATIADO⁴

Objetivo

Desenvolver a leitura e a organização textual. Organizar textos, cantigas e parlendas e ler e cantar com fluência.

Materiais

Palitos de picolé ou cartolina, textos impressos em papel sulfite, fita adesiva, tesoura e cola.

Preparação

Para fazer o material, imprima e cole na cartolina (para fazer fichas) ou em palitos de picolés trechos do texto de uma cantiga popular ou parlenda que se complementem.

Desenvolvimento da atividade

Divida os estudantes em grupo e peça que eles organizem as fichas ou palitos que trazem partes das cantigas ou parlendas, de maneira que o texto tenha coerência e coesão. No fim, sugira que elas leiam em voz alta ou cantem, quando for o caso, o texto formado.

A atividade é importante porque permite que os alunos pratiquem a memorização do texto e a representação escrita da palavra. Cantigas populares e parlendas são uma ótima maneira de praticar a leitura, contribuindo para que as crianças adquiram fluência na língua portuguesa. Ao trabalhá-las em sala de aula, é possível que os alunos se socializem e construam, a partir de erros e acertos, uma aprendizagem em conjunto. Conectar os trechos é um desafio a ser vencido e, juntas, as crianças fazem boas descobertas.

⁴ Esta atividade já foi abordada anteriormente na seção voltada para deficiência física e agora é apresentada com uma nova abordagem, voltada para a pessoa com deficiência intelectual.



SEQUÊNCIA DE FORMAS E CORES

Objetivo

Desenvolver o entendimento lógico-matemático, com a utilização de formas geométricas planas.

Materiais

Papel cartão, EVA texturas, tesoura, cola e régua.

Preparação

Construa, com o auxílio ou não dos estudantes, figuras geométricas planas em material resistente, por exemplo, EVA e papel cartão. Pode-se utilizar texturas e cores para diferenciá-las.

Desenvolvimento da atividade

Apresente aos estudantes sequências de figuras a serem repetidas – podem ser desenhadas no quadro ou impressas em papel sulfite. Os alunos devem repeti-las a partir das formas previamente construídas. O nível de dificuldade deve ser adaptado às especificidades e necessidades da turma.

Trata-se de uma atividade relevante porque permite que os alunos, por meio das cores e formas geométricas, exercitem o raciocínio lógico-matemático.



JOGO DE BOLICHE

Objetivo

Identificar quantidades e enumerá-las a partir do jogo de boliche.

Materiais

Garrafas PET, caixa de papelão, EVA, cola, tesoura, régua, figuras e bola.

Preparação

Para fazer o boliche, reúna 10 garrafas PET do mesmo tamanho e com as respectivas tampas. Higienize o material e decore com fita adesiva colorida, EVA ou tinta acrílica, além de figuras dos numerais. Também é necessária uma bola, que pode ser plástica ou produzida artesanalmente.

Desenvolvimento da atividade

Estimule, a partir desse boliche, que a criança exercite os movimentos do corpo, dominando-os para acertar os pinos plásticos com uma bola. Depois que a criança jogar a bola e derrubar os pinos, peça para que ela conte tanto os que permaneceram em pé quanto os que caíram.

Contar é parte básica da aprendizagem matemática. Essa ação pode ser praticada em sala de aula de diferentes modos, inclusive ludicamente. E essa é a proposta desta atividade. A brincadeira é relevante porque dinamiza o ensino-aprendizagem e, além disso, produz interação entre a turma. O nível de dificuldade pode ser alterado conforme as particularidades dos alunos. Por exemplo, alterar a distância de posicionamento para acertar os pinos é uma forma de dificultar ou facilitar a ação.



JOGO DAS CORES

Objetivo

Desenvolver a coordenação motora e o aprendizado de associação por meio das cores.

Materiais

EVA, cola, tesoura, régua, bolinhas plásticas coloridas e potes plásticos, tinta.

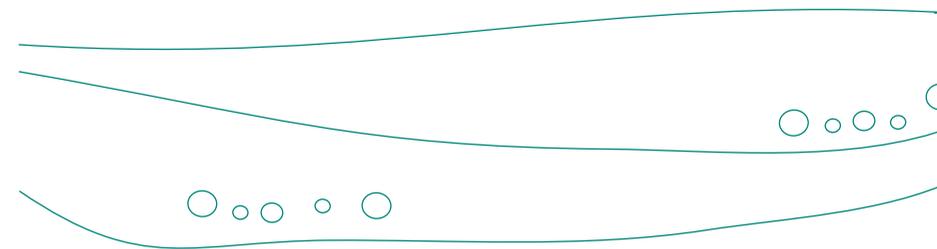
Preparação

Separe as bolinhas, pinte os potes com diferentes cores e decore alguns com EVA.

Desenvolvimento da atividade

Peça que os estudantes atirem bolinhas dentro dos potes associando a cor da bolinha com a cor do pote. Pode ser, por exemplo, atirar uma bola vermelha no pote verde ou atirar uma bola amarela no pote azul que tem uma lua (feita em EVA). Para diferentes graus de dificuldade, altere a distância do alvo ou peça que os próprios alunos especifiquem qual cor de bola vão jogar em qual pote.

A capacidade de associar elementos, palavras e ideias compõe o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. A atividade proposta é importante porque com esse material simples e barato, construído a partir de objetos recicláveis, a criança pode brincar e exercitar o conhecimento e definição das cores e, ainda, movimentar e equilibrar o corpo.



PIÃO SILÁBICO

Objetivo

Identificar sílabas a fim de formar as palavras por meio de um jogo.

Materiais

EVA, cola, tesoura, régua, papel cartão, palitos de churrasco, cano PVC, garrafas PET pequenas.

Preparação

Siga esses cinco passos: 1) com canos e joelhos de PVC forme uma base retangular na qual serão fixadas garrafas PET pequenas. Na parte de baixo e de cima do retângulo, faça furos para encaixar palitos de churrasco (a quantidade de furos varia conforme a quantidade de sílabas); 2) fure as garrafas PET na base e na tampinha, respeitando, igualmente, o padrão dos palitos de churrasco; 3) imprima faixas com figuras para enrolar ao redor de uma das garrafas PET, medindo o diâmetro para calcular a quantidade de imagens que podem ser inseridas em uma mesma fita; 4) enrole a fita ao redor da garrafa; 5) Siga os mesmos passos na preparação das faixas de sílabas, que variam de acordo com a quantidade de sílabas de cada palavra (monossílaba, dissílaba, trissílaba, polissílaba). Assim, para formar a palavra correspondente à imagem de um copo, são necessárias duas garrafas, cada um com uma sílaba.

Desenvolvimento da atividade

Peça para que a criança gire as garrafinhas com sílabas e escolha aquelas que se referem a uma imagem predeterminada.

O jogo do pião silábico é relevante por se tratar de uma ótima estratégia para trabalhar a formação de sílabas e palavras, bem como treinar leitura e escrita de maneira geral.



LETRAS DO NOME

Objetivo

Trabalhar o reconhecimento das cores e letras do alfabeto e o interesse pela leitura.

Materiais

EVA nas cores primárias e tesoura.

Preparação

Corte em EVA nas cores primárias as letras do alfabeto.

Desenvolvimento da atividade

Peça que as crianças escrevam no caderno ou no quadro seu próprio nome. Em seguida, distribua as letras recortadas em EVA. Em grupo, todos vão indicando quais letras formam os nomes dos estudantes que pertencem à turma. Pode-se, igualmente, parear letras e cores primárias ou até mesmo sílabas, assim como comparar nomes com características semelhantes em relação às letras do alfabeto. Outras palavras também são bem-vindas na conformação da atividade.

Embora bem simples, a atividade é importante porque contribui para a aprendizagem das cores primárias e das letras do alfabeto da língua portuguesa.



PRIMEIROS NUMERAIS

Objetivo

Reconhecer os numerais de 0 a 5 e a sequência deles, ajudar o aluno a organizá-los e identificar pontos iniciais matemáticos como qual número vem antes de qual.

Materiais

EVA colorido (ou papel cartão, papelão) e tesoura.

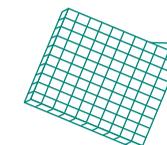
Preparação

Recorte em EVA colorido, papel cartão ou papelão os números de 0 a 5.

Desenvolvimento da atividade

Para iniciar a interação de forma dinâmica, conte ou leia uma história que tenha os números como protagonistas. Depois disso, um bate-papo interpretativo com os estudantes é fundamental. Até mesmo recontar a história com a participação de todos é interessante. Em seguida, disponha sobre a mesa os números de 0 a 5 recortados previamente. Peça que um aluno escolha um numeral aleatoriamente e diga qual é o número escolhido em voz alta. Em seguida, o estudante o coloca em qualquer lugar da sala. Repetindo a operação até que não haja nenhum número sobre a mesa. Por fim, o docente escolhe novos alunos para agrupar os numerais em sequência.

O ensino de matemática, para envolver os alunos, deve estimulá-los a participar das atividades como sujeitos realmente ativos na construção do conhecimento. E isso pode ser feito desde o começo da Educação Básica, por exemplo, na aprendizagem dos numerais de 0 a 5. Em vez de simplesmente contá-los e anotá-los no caderno, é possível torná-los objetos para serem tocados. Esta é a meta da atividade e, por isso, ela é tão relevante.



MÁQUINA DE SOMAR

Objetivo

Desenvolver noções matemáticas relacionadas à adição.

Materiais

Fita adesiva transparente, EVA colorido, cola quente, caneta permanente, rolos de papel higiênico ou papel toalha.

Preparação

Construa uma máquina de somar a partir de **materiais** descartáveis. Assim, na fabricação, use rolos de papel para formar uma espécie de tubulação em “Y”. Verifique se é possível passar bolinhas de gude (ou contas) por ambos os lados dos tubos, descendo pelo eixo central sem dificuldade. O objeto tem de funcionar como um funil com duas entradas. Prenda a estrutura em uma plataforma, assegurando que seja possível deixá-la de pé. Por último, pinte os rolos de papel e adicione um símbolo de adição (+) na parte central, isto é, entre os dois tubos. Uma caixa de papelão pode ser empregada para recolher as bolinhas distribuídas, durante as brincadeiras, entre os dois lados da máquina de somar.

Desenvolvimento da atividade

Peça que os alunos coloquem diferentes quantidades de bolinhas em ambos os lados e, em seguida, confira qual o resultado obtido dentro da caixa-depósito. Caso queira dinamizar e treinar a leitura matemática, o docente pode convidar os estudantes a dizerem em voz alta a operação realizada com o uso da máquina de somar, considerando as parcelas, o operador aritmético e a soma. Por exemplo: o professor pode pedir que o aluno coloque 4 bolinhas de um lado e 5 do outro. A caixa-depósito terá o total de 9 bolinhas e a leitura matemática será: $4+5=9$.

Trata-se de uma atividade interativa relevante porque permite trabalhar concretamente a adição, juntamente da leitura de operações matemáticas simples.



FORME PALAVRAS

Objetivo

Estimular e desenvolver a leitura por meio da combinação de sílabas.

Materiais

Pedaço de papelão (50x50cm, aproximadamente), estilete, tampinhas, sílabas impressas, dados, tesoura e cola.

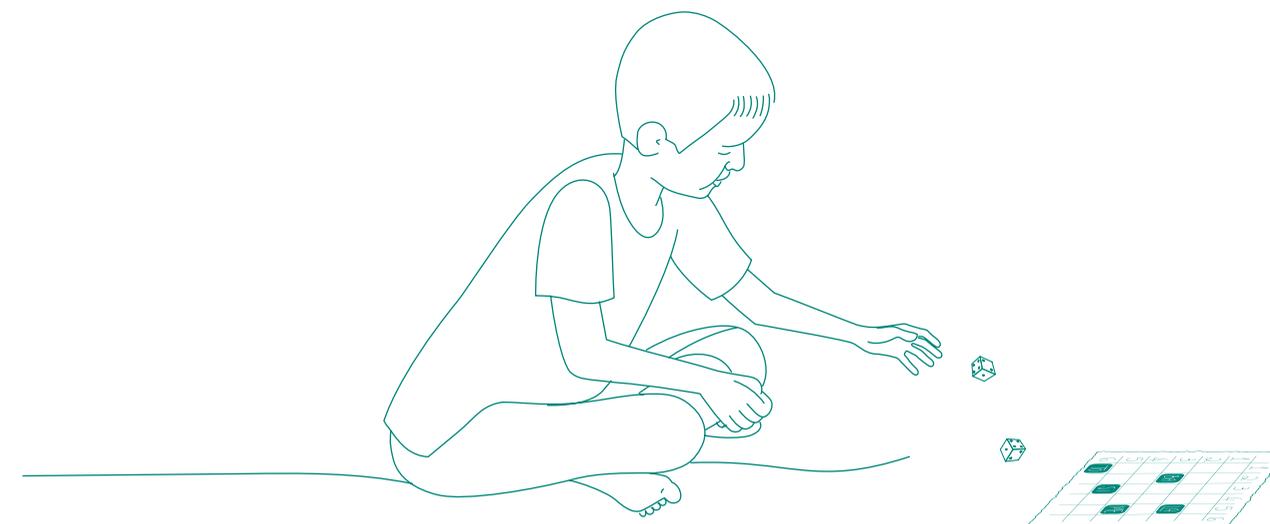
Preparação

Marque um quadro quadriculado com sete colunas e sete linhas em um papelão. Enumere a primeira coluna e linha de 1 a 6, deixando vazio o primeiro quadriculado. A numeração é a base para escolha das sílabas, por isso, é importante que ela fique visível. Imprima sílabas no tamanho dos pequenos quadrados e cole neles.

Desenvolvimento da atividade

Peça que os alunos rolem dados que vão indicar as colunas e as linhas das sílabas que devem juntar. As palavras vão surgindo, aleatoriamente, com o acréscimo de sílabas.

A atividade é relevante porque os jogadores formam palavras variadas, as quais devem ser apresentadas à turma em voz alta, o que possibilita a prática da leitura de forma divertida.



	1	2	3	4	5	6
1						
2					LA	
3		BA				
4					ME	
5			SI			
6	TO					

ÁBACO ABERTO

Objetivo

Estimular o raciocínio lógico, juntamente de habilidades motoras.

Materiais

Pedaço plano de madeira (20x7cm), palito de churrasco, furadeira, tampinhas de garrafa e tinta.

Preparação

Perfure sete buracos para fixar palitos de churrasco em uma base de madeira (ou isopor). Fure e pinte inúmeras tampinhas de garrafa em cores distintas, de modo a representar as unidades, dezenas, centenas, milhares. Disponha as tampinhas no ábaco, separando-as conforme as cores.

Desenvolvimento da atividade

Estimule que o aluno, por meio da movimentação das tampinhas de um palito para o outro, realize somas e subtrações e, ainda, entenda questões relacionadas à representação das casas decimais.

A atividade é relevante porque o ábaco facilita a compreensão das operações matemáticas. Além disso, pretende-se, aqui, a construção de um ábaco simplificado, de fácil manuseio e acessível, a ser usado em sala de aula com os estudantes da educação inclusiva.



BINGO DAS SÍLABAS

Objetivo

Explorar a linguagem oral e escrita, facilitando a aprendizagem da formação silábica.

Materiais

Cartelas de cartolina, saco de pano, papéis sulfite A4, roleta silábica feita com CD e *hand spinner*, tesoura, cola quente e sílabas impressas.

Preparação

Semelhante a um bingo tradicional, construa cartelas, mas insira sílabas no lugar dos números. É interessante que, em conjunto, as sílabas formem palavras diversas. Repita as sílabas das cartelas em um papel separado, elas são os elementos do sorteio, realizado com a utilização de uma roleta. Esta pode ser preparada do seguinte modo: em um *hand spinner* (brinquedo feito de plástico, metal e rolamento que é capaz de girar sob os dedos), afixe uma seta; em seguida, cole o conjunto em um CD, que, por sua vez, deve ser colado em uma placa de papel cartão envolto em EVA.

Desenvolvimento da atividade

Distribua as sílabas ao redor da roleta. Uma a uma, faça o sorteio das sílabas, transferindo-as da roleta para o saco de pano. Não se esqueça de apresentar, no início, as regras do jogo às crianças. Vence quem primeiro completar todas as sílabas da cartela.

O ensino da construção silábica é o ponto principal deste bingo, por isso ele é tão importante. Com ele, pretende-se que estudantes exercitem a percepção dos fonemas, relacionando-os com os respectivos grafemas.



CAIXA DAS CORES

Objetivo

Trabalhar o reconhecimento das cores e a associação por semelhança.

Materiais

Copos descartáveis, palitos de picolé, caixa de sapato, EVA colorido, tinta guache.

Preparação

Decore uma caixa e, dentro dela, coloque pares de tabletes feitos de cores diferentes.

Desenvolvimento da atividade

Dê a caixa ao aluno e sugira que ele manuseie seu conteúdo, tentando relacionar os pares que apresentam as mesmas cores. Siga de perto as movimentações da criança e resalte sempre os nomes das cores, em um diálogo próximo com o estudante.

A relevância da atividade está no fato de que, ao manipular o conteúdo da caixa, os alunos aprendem, gradativamente, a paleta de cores, sendo capazes de discriminá-las e diferenciá-las, além de exercitarem a lógica, a concentração e a memorização.



QUEBRA-CABEÇA DAS EMOÇÕES

Objetivo

Trabalhar o desenvolvimento socioemocional dos alunos de forma lúdica.

Materiais

Papel amarelo, papel cartão, impressões de *emojis*, tesoura e cola.

Preparação

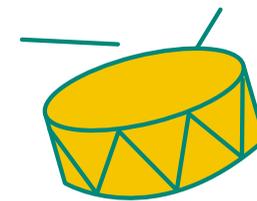
Para construir os quebra-cabeças, imprima diferentes expressões de *emojis* (ideogramas e representações de carinhas usados em mensagens eletrônicas e páginas web que incluem expressões faciais, objetos, lugares, animais e tipos de clima), de preferência em papel amarelo, cole em papel cartão se quiser reforçar, e corte cada rosto ao meio.

Desenvolvimento da atividade

Distribua as metades entre os alunos e peça que eles busquem, entre seus colegas, a outra parte para formar a imagem completa. Oriente que eles identifiquem e nomeiem a emoção/sentimento que a figura pretende demonstrar.

O desenvolvimento socioemocional é parte fundamental do processo de crescimento da criança, porém, por vezes, ele é negligenciado pela escola. Entre outros aspectos, o quebra-cabeça das emoções é relevante porque pode contribuir para que as crianças compreendam o que sentem em diferentes situações e sejam capazes de comunicar percepções sobre si mesmas. Indo em direção do cuidado socioemocional, a atividade, mais do que exercício lúdico, traz a proposta de estimular os alunos a reconhecer emoções/sentimentos e expressá-las/os. E isso acontece por meio de um quebra-cabeça simples construído com base em linguagem digital.





PRÁTICAS ESCOLARES INCLUSIVAS

Nessa seção, apresentaremos práticas concretas que foram relatadas na oficina de Projeto Político Pedagógico na Perspectiva da Educação Inclusiva. A oficina foi realizada com gestores das secretarias municipais de educação, diretores e coordenadores das redes públicas de ensino de Ibirapu e Fundão, no período de 05 de março a 04 de junho de 2019. Constituiu-se num espaço de (re)elaboração e avaliação dos projetos político pedagógicos (PPP) das escolas e de (re)significação de propostas com vistas à ampliação da acessibilidade dos espaços e à adoção da perspectiva da inclusão do público-alvo da educação especial nos processos, atividades educativas e relações cotidianas das escolas.

Um dos desafios da oficina foi que os participantes concebessem e implementassem atividades que tornassem suas escolas mais inclusivas e acolhedoras às diversificadas demandas de aprendizagem dos estudantes. Apresentamos, a seguir, práticas que foram desenvolvidas a partir de tal proposição.

PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E INCLUSÃO

Local: Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), Annodina Scarton Nunes em Fundão – ES.

Objetivos: Proporcionar aos alunos da Educação Infantil a apropriação de conhecimentos sobre temas ligados ao meio ambiente, cidadania e educação inclusiva, estimulando atitudes de preservação ambiental, sustentabilidade e inclusão.

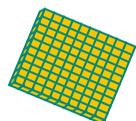


1º encontro

Os pátios internos e externos do colégio foram palco do primeiro encontro. Para dinamizar a interação e envolver as crianças com e sem deficiência, foi realizada uma roda de conversa baseada nas seguintes perguntas disparadoras: *O que é meio ambiente? Como podemos preservá-lo?* Na conversa, houve uma preocupação em estimular todas elas à participação, trabalhando com imagens, sons, gestos, e fazendo uma interlocução atenta aos variados modos de compreensão e de expressão existentes no grupo.

2º encontro

No segundo encontro, os alunos construíram uma árvore, colocando em prática habilidades manuais e técnicas motoras. A atividade foi conduzida de modo que as crianças com deficiência pudessem contribuir nessa construção coletiva. Foi um exercício com características lúdicas, envolvendo o uso de materiais como galho seco, papéis coloridos e barbante. Por meio dele, as crianças puderam aprender mais sobre preservação do meio ambiente.



3º encontro

Reconhecer o meio ambiente foi a proposta de atividade do terceiro encontro. Ela foi conduzida a partir da realização de atos de limpeza e conservação das plantas que constituem o espaço escolar. As crianças aprenderam o sentido da coleta seletiva e, em conjunto, agiram ativamente sobre o espaço. Foi um momento importante para estimular as crianças com e sem deficiência – cada criança atuando tendo em vista a sua singularidade – por meio do contato com as plantas e o ambiente externo.

Avaliação:

O processo avaliativo foi conduzido durante todo o período de desenvolvimento do projeto. Entre outros aspectos, foram observadas mudanças de comportamento dos alunos, acolhendo as diferenças dos colegas com deficiência, além de gerar novos hábitos de preservação do meio ambiente na rotina escolar.



BULLYING

Local: Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Gente Miúda e Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Padre Carlos Furber em Ibirajuba – ES.

Objetivos: Combater o *bullying* na escola de forma inclusiva, de modo a propagar a importância do respeito às diferenças e à diversidade, tanto em sala de aula quanto na família e comunidade local.



1º encontro

O primeiro momento da atividade consistiu em uma semana de sensibilização nas duas escolas, abordando o significado e a origem do termo *bullying*. Materiais informativos variados sobre o tema foram distribuídos e foram realizadas rodas de conversa sobre o tema. Na mediação das atividades desse e dos demais encontros, houve uma preocupação em promover conversas em que todos os estudantes, com e sem deficiência, fossem acolhidos e tivessem a oportunidade de participar, tendo em vista as suas especificidades..

2º encontro

No pátio interno das escolas, aconteceu o segundo encontro, quando foram apresentadas figuras e narrativas de situações e casos que indicavam variados tipos de *bullying*. No evento, para gerar interação e participação, a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) contou a história *O Patinho Feio*. Além disso, foi realizada uma conversa informal, coordenada pela pedagoga, que fez intervenções e brincadeiras por meio de uma performance cênico-musical em que trabalhou com sons, gestos e interações variadas com as crianças, de modo que todas pudessem fruir e participar ativamente, cada uma do seu jeito.

3º encontro

No terceiro encontro, as escolas participaram de uma Festa Cultural da comunidade, cujo tema foi cultura afro, e puderam conhecer novas experiências, assim como narrar como trabalharam com o enfrentamento ao *bullying*, com ênfase nos preconceitos relacionados aos estudantes com deficiência. A festa também teve apresentações musicais de grupos de cultura afro e contou com discussões sobre diversidade étnico-racial.

4º encontro

Uma visita pedagógica a um mosteiro zen budista foi a atividade do quarto encontro, no qual foi feito um bate-papo com um monge, que promoveu uma discussão sobre a importância da diversidade não apenas na vida humana, mas em todas as formas de vida.

Avaliação:

Foram feitas avaliações para cada momento das atividades, com base em uma contextualização com o projeto institucional da escola, ressaltando a importância de uma orientação geral da escola para a oferta de práticas educacionais acessíveis a todas as crianças, considerando a diversidade delas.

CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Local: CMEI Clementina Broseghini Carreta em Fundão - ES.

Objetivos: Fortalecer o processo de inclusão das diferenças humanas no PPP da escola a partir de conscientização sobre a preservação do meio ambiente.



1º encontro

O primeiro encontro trabalhou a inclusão a partir do desafio de revitalização dos canteiros da horta da escola. Os alunos foram convidados a assumir o desafio, cada um a seu modo. Com isso, aconteceu uma conversa sobre as variadas formas de contribuir, e como cada pessoa tem uma peculiaridade, não havendo um padrão de ser humano. Foi nessa perspectiva que trabalhamos a questão da pessoa com deficiência. A partir dessa perspectiva, a iniciativa teve uma grande adesão e extrapolou os muros da escola, envolvendo não só os alunos com e sem deficiência, mas também suas famílias e equipe pedagógica. Várias espécies de plantas e hortaliças doadas pelas famílias e equipe escolar foram plantadas pelas crianças durante o dia. O auxílio das famílias e a participação ativa das crianças com deficiência foi central no processo.



2º encontro

Por sua vez, o segundo encontro tratou do tema alimentação saudável com as crianças. Novamente, houve o envolvimento entre as equipes pedagógicas e famílias na tentativa de diversificar a abordagem do tema, de modo a tornar acessível a todas as crianças, com atenção especial às necessidades das crianças com deficiência. O encontro contou com música, brincadeira e uma teatralização do conto *Chapeuzinho Vermelho* e a partilha de alimentos variados. Nas atividades, foram utilizadas linguagens variadas, de modo a torná-las acessíveis a todos os participantes. Afinal, numa apresentação teatral, por exemplo, se uma criança não enxerga, é necessário que o cenário, o figurino e outros elementos das cenas sejam descritos para ela; se uma criança não escuta, é preciso que tenha acesso por meio de intérprete de libras... e por aí vai.

3º encontro

O ciclo da água na natureza foi a temática que inspirou o terceiro encontro, que foi trabalhado de forma ampla – na mesma perspectiva do encontro anterior – para alcançar também as crianças com deficiência. Primeiramente, houve o momento de leitura do livro *Mundinho azul*, seguida de uma roda de conversa. Depois disso, a história lida foi representada em cartazes coletivos preparados em sala de aula junto com as crianças. Também houve espaço para apresentações de experiências simples do cotidiano dos alunos.

Avaliação:

Observou-se uma excelente interação entre os alunos com e sem deficiência, as famílias e equipes da escola. Tal percepção indica a necessidade de criar mais possibilidades de aprendizagem que fomentem a inclusão e atraiam as famílias para o interior da escola, de forma a fortalecer o desenvolvimento cidadão das crianças e aperfeiçoar continuamente o ambiente escolar.

TORNEIO ESPORTIVO INCLUSIVO

Local: Campo de futebol e EMEF Eloy Miranda em Fundão - ES.

Objetivos: A atividade apresenta os seguintes objetivos: (i) proporcionar debate sobre a importância da Educação Inclusiva com toda a equipe da instituição de ensino; (ii) integrar e socializar os alunos, respeitando suas limitações e evitando qualquer tipo de exclusão; (iii) redimensionar o torneio esportivo com foco nas necessidades dos alunos com deficiência; (iv) trabalhar autoestima e autoconfiança por meio da execução de atividades de inclusão; (v) sensibilizar para regras de convivência; (vi) contribuir para o desenvolvimento integral do aluno; (vii) realizar atividades esportivas com os alunos com deficiência.



1º encontro

No primeiro encontro, foi realizado um torneio esportivo com as modalidades futebol e queimada, contando com os alunos com deficiência. As duas práticas foram adaptadas de acordo com as particularidades e necessidades de todos os atletas.

2º encontro

Foi realizada uma conversa informal com os professores sobre a importância da reestruturação do PPP, no intuito de implantar uma aprendizagem que se preocupe com a acessibilidade a todos os estudantes, sem deixar de fora os alunos com deficiência. Além disso, também foi realizada uma reunião com a equipe pedagógica protagonista na promoção da atividade.



3º encontro

Na aula posterior aos jogos, foi realizada uma conversa informal sobre o torneio, pautando os pontos positivos e negativos observados. Destacou-se que, nas atividades de prática esportiva, a máxima de que o importante é participar deve ser levada a sério. Mas, para que isso ocorra, a escola tem que se preparar para assegurar esse direito aos alunos com deficiência, que muitas vezes ficam de fora dessa prática. E a preparação da escola envolve desde a garantia da infraestrutura adequada até a formação de toda a equipe para trabalhar na perspectiva inclusiva.

4º encontro

No quarto encontro, foram realizadas atividades esportivas na quadra da EMEF Eloy Miranda. A professora de Educação Física promoveu um minitorneio, incluindo os alunos com deficiência nele. Isso possibilitou a resignificação do tempo e do espaço para a participação de todos.

5º encontro

No último encontro, foram propostas atividades sobre o tema futebol, adaptadas conforme as habilidades e dificuldades de cada aluno. O trabalho, de caráter interdisciplinar, envolveu várias disciplinas, como Matemática, Língua Portuguesa, Artes, entre outras.

Avaliação:

A avaliação da atividade foi positiva, segundo a avaliação dos professores e tendo em vista que a participação dos alunos foi expressiva. O fato de que houve ampla adesão dos alunos com e sem deficiência, concluiu-se que o objetivo de tornar a prática esportiva na escola mais inclusiva foi alcançado.



MEIO AMBIENTE

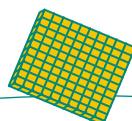
Local: CMEI Santa Terezinha em Fundão - ES.

Objetivos: A atividade apresenta os seguintes objetivos: (i) trabalhar conceitos de educação inclusiva e ambiental; (ii) despertar o pensamento crítico no aluno com e sem deficiência, a fim de que ele se reconheça como parte do meio ambiente; (iii) estimular a adoção de bons hábitos alimentares; (iv) compreender o período de decomposição de cada elemento, orgânico ou não.



1º encontro

Houve uma reunião com a comunidade escolar para a apresentação da proposta de realização de uma prática pautada pela preocupação com a inclusão das diferenças, a partir da temática do cuidado com o meio ambiente. Solicitou-se, por meio de um bilhete, a colaboração das famílias para o envio de garrafas PET e sementes. Os canteiros foram montados e a terra preparada para plantio das sementes que seriam enviadas para a escola.



2º encontro

No segundo encontro, as crianças trabalharam em grupos, de forma lúdica. Todas foram incentivadas à construção colaborativa e à ajuda mútua, com empatia às potencialidades e às limitações de cada um dos colegas. Dessa forma, todos – os alunos com e sem deficiência – se divertiram na construção de brinquedos com materiais recicláveis e de baixo custo. Foram feitos sopradores de bolas de sabão, a partir do lacre das tampas das garrafas; boliches adaptados, utilizando garrafas PET e cadeiras para balanço, confeccionadas com pneu. As brincadeiras geradas foram um momento de muita interação e diversão de todas as crianças.



3º encontro

O terceiro encontro consistiu na colaboração da comunidade escolar para pintura das caixas de verdura e instalação dos cantinhos de leitura. Seguindo a mesma dinâmica colaborativa e inclusiva do encontro anterior, a atividade contou com ativa participação dos alunos com deficiência.

Avaliação:

A avaliação da atividade foi realizada de acordo com a observação dos professores e participação dos alunos, diariamente. Em todas as etapas, foi possível perceber o avanço na inclusão das crianças com deficiência e na conscientização de todos sobre os dois pontos que se buscou trabalhar: a prática, no dia-a-dia, da inclusão dos alunos com deficiência e da preservação ambiental.



OS TRÊS PORQUINHOS COM UTILIZAÇÃO DO QUADRO FLANELÓGRAFO

Local: EMEF Professor Ernesto Nascimento em Fundão - ES.

Objetivos: Valorizar as experiências dos alunos, diversificando a ação pedagógica de modo a atender cada educando em sua especificidade.



1º encontro

No primeiro encontro, houve apenas o planejamento para a organização do material a ser utilizado.

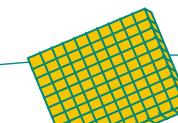
2º encontro

No segundo encontro, foram confeccionados os materiais necessários para a atividade, a saber: um quadro de feltro, os personagens da história e o cenário. Também foram separados os materiais de suporte para a atividade, como o livro com o conto *Os três porquinhos*.



3º encontro

O terceiro encontro consistiu na realização de atividade com o uso do flanelógrafo. O flanelógrafo é um quadro forrado de feltro utilizado como recurso didático para apresentações ou contações de histórias, a partir de ilustrações que se aderem ao tecido. Com o uso desse recurso, foi feita a contação da história *Os Três Porquinhos* na biblioteca da escola, incluindo alunos que são atendidos por cuidadores ou professores especializados na inclusão, professores, pedagoga e diretora. Durante toda a contação, a educadora responsável, as cuidadoras e os professores especializados interagiram com esses alunos, adaptando a linguagem e fomentando a participação deles.



Avaliação:

A avaliação foi realizada de forma contínua, por meio da observação da participação dos alunos, do comprometimento, da socialização e do interesse na atividade. Percebeu-se a importância de que o uso do recurso didático – no caso, o flanelógrafo – seja feito de modo personalizado à turma com que se interage, buscando trabalhar com linguagens variadas, de modo que a experiência seja acessível a todos.



DIVERSIDADE NA ESCOLA

Local: CMEI Bairro Direção em Fundão - ES.

Objetivos: (i) Criar um processo de inclusão e socialização da família, da comunidade, dos alunos e da escola; (ii) valorizar a diversidade humana e as diferenças culturais existentes na sala de aula e na escola.



1º encontro

A primeira etapa foi uma conversa que trabalhou com o conceito de diversidade, destacando que ele diz respeito às mais variadas formas de existir, de apreender e compreender o mundo, bem como de interagir com as outras pessoas. Na conversa, foi feita alusão à ideia de sociedade inclusiva, em que se compreende que as pessoas têm características, capacidades e dificuldades as mais diversas, e é preciso que todas elas sejam respeitadas. O segundo aspecto tratado foi a diversidade cultural: a ideia de que há, na sociedade, um amplo leque de práticas culturais, tradições, costumes; e que, da mesma forma, todos devem ser respeitados. Nessa perspectiva, foi feita, no pátio da escola, uma apresentação sobre a cultura dos ciganos para alunos, professores e demais funcionários. A cultura cigana foi escolhida pela proximidade do acampamento à escola e por haver estudantes ciganos em algumas turmas. Para a apresentação, foi convidado um cigano desse acampamento, que foi apresentado pela diretora. Em seguida, foi feita uma conversa, na qual todos puderam desconstruir visões preconceituosas que tinham sobre a cultura cigana.



2º encontro

A atividade seguinte foi fruto de um convite, feito aos pais dos alunos, para que fizessem parceria com a escola, por meio de projetos de contação de histórias para todos os alunos, com a participação dos profissionais da comunidade educativa. A mãe de um aluno, que já realizava contação de histórias na comunidade, se ofereceu para iniciar a atividade na escola. Ela foi estimulada pela equipe escolar a fazer uma contação interativa e que contemplasse as necessidades dos alunos com deficiência. Com isso, teve início a contação de histórias protagonizada por familiares dos alunos. A ideia é, com a atividade, ampliar a diversidade de sujeitos participando da experiência educativa dos alunos na escola.



Avaliação:

Foram feitas observação, registro com fotos e relato dos professores sobre os eventos e o impacto na valorização da diversidade na escola. Os registros e relatos indicaram a grande receptividade dos alunos à diversificação das experiências e uma abertura à possibilidade de deixar o preconceito de lado e conviver com a diferença.

LIBRAS NO COTIDIANO ESCOLAR

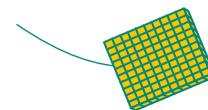
Local: EMEF Professora Dulce Loureiro Cuzzuol em Fundão - ES.

Objetivos: (i) Mobilizar os professores e funcionários sobre a importância de ressignificar o PPP da instituição; (ii) redimensionar as ações da língua de sinais (Libras) no cotidiano escolar; (iii) promover encontros para socializar o emprego de Libras na escola; (iv) motivar os funcionários e alunos a conhecerem a língua de sinais, de modo a facilitar a comunicação com alunos surdos, especificamente com uma aluna matriculada na escola.



1º encontro

No primeiro encontro, houve uma reunião para apresentar a necessidade do movimento de revisitar o PPP para alinhá-lo à perspectiva da Educação Inclusiva. Foi feita a confecção do “Mural das Mãos” com os alunos do 1º ano A do Ensino Fundamental, que consistiu em criar um grande mural com moldes das mãos dos alunos, com o objetivo de materializar que “a mudança está nas nossas mãos!”.



2º encontro

A segunda atividade foi de mobilização, com a apresentação da Língua Brasileira de Sinais, a fim de sensibilizar os funcionários sobre a necessidade da comunicação nessa língua.

3º encontro

No terceiro encontro, a professora especialista da Educação Inclusiva e intérprete iniciou o trabalho intitulado *Comunicação em Libras* com os funcionários e intensificou-o com os alunos do 1º ano A. Com esse último grupo, a atividade foi em sala de aula, com a aprendizagem do alfabeto em Libras. Já com o primeiro, o trabalho se resumiu à sensibilização para a interação básica em Libras, de maneira a facilitar a comunicação com a aluna surda no cotidiano escolar. Foram ensinados cumprimentos, saudações e identificações.

4º encontro

A quarta etapa foi uma atividade em sala de aula realizada pela professora especialista. Nela, os alunos aprenderam os numerais em Libras.

5º encontro

No quinto passo, a professora especialista trabalhou especificamente com professores e funcionários da escola, ensinando-lhes as letras e os numerais em Libras.

6º encontro

No sexto encontro, os funcionários aprenderam os sinais específicos do ambiente escolar.

7º encontro

Na sétima ação, os funcionários aprenderam os pronomes pessoais em Libras.

8º encontro

Na oitava atividade, a equipe pedagógica confeccionou o painel para o evento *Café Junino*, assim denominado por se realizar na época das festividades juninas. O objetivo foi reunir, no período vespertino, os diferentes atores da escola para debater o que foi aprendido e significado até o momento em Língua de Sinais, além de diferentes sinais e símbolos que permitem formas outras de comunicação.

9º encontro

A nona etapa foi a realização do *Café Junino*, no qual houve uma grande conversa entre os funcionários da escola. Eles puderam praticar o que aprenderam sobre a Língua Brasileira de Sinais.



10º encontro

A décima e última fase foi a apresentação, aos alunos e funcionários da escola, do Teatro Inclusivo, que incorporou a Língua de Sinais, com a peça *O sapinho surdo*, preparada pelos alunos do 1º ano A do Ensino Fundamental.



Avaliação:

Observação das atividades realizadas, considerando o envolvimento dos sujeitos nos momentos de execução das propostas e o aprendizado mobilizado para incluir a criança com deficiência. Percebeu-se ampla adesão à proposta do trabalho com Libras, indicando que há potencial para ações e atividades voltadas à inclusão da pessoa com deficiência.

BINGO ORTOGRÁFICO

Local: EMEF Professora Ericina Macedo Pagiola em Ibirajá – ES.

Objetivos: (i) Estimular a interação entre alunos com deficiência e sem deficiência; (ii) promover a prática de participar de jogos com regras; (iii) despertar a escuta atenta e perceber a escrita correta das palavras grafadas com S, mas com som de Z.



1º encontro

Este momento serviu para o planejamento da atividade pelos professores, com a definição de tema, metodologia, instrumentos, público-alvo e data de aplicação.

2º encontro

No segundo encontro, a atividade foi organizada pelos professores, com a confecção dos materiais necessários para sua realização.

3º encontro

O último encontro ocorreu na sala de aula da turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Em tal turma, havia um aluno com deficiência intelectual. Ele se encontrava no nível silábico. Incluímos, também, outro aluno com autismo, estudante da turma do 1º ano, em nível pré-silábico. O primeiro passo do exercício foi a leitura de uma lista de palavras disposta no quadro: 20 palavras escritas com S, mas com som de Z. Num segundo momento, a professora distribuiu uma lista para cada aluno, a fim de que eles descobrissem os erros ortográficos das palavras. No terceiro, os alunos fizeram as correções, com leitura e treino de escrita, copiando do quadro a escrita correta das palavras. Depois disso, eles escolheram oito palavras para escrever na cartela do bingo. Com as cartelas devidamente

preenchidas, os alunos participaram de um jogo de bingo, no qual, em vez de números, foram sorteadas palavras.



Avaliação:

Todos os alunos participaram com entusiasmo. Eles perguntavam e corriam, sempre dizendo: “Qual a hora do bingo? Vou ganhar!”. A maioria teve dificuldades previstas, como fazer a leitura e escrita de algumas palavras pouco usadas no cotidiano. Os estudantes foram divididos em dupla para que pudessem ajudar um ao outro. Dessa forma, os alunos com deficiência puderam ser ajudados também. Normalmente, o estudante com deficiência percebe que apenas ele precisa de um auxílio extra. Nessa atividade, todos se ajudavam.



UMA NOVA PERCEPÇÃO

Local: Centro de Educação Infantil (CEI) Branca de Neve em Ibirajú – ES.

Objetivos: Refletir sobre diversos tipos de deficiência e sobre a forma de atuação da Educação Inclusiva.

1º encontro

No primeiro encontro, que envolveu a equipe escolar, realizou-se a análise do PPP atual da escola, voltando o olhar para a inclusão. Em uma roda de conversa, foram acrescentados pontos relevantes a esse documento.

2º encontro

O segundo encontro, também com a equipe escolar, focou em sugestões e na organização de atividades inclusivas para a institucionalização do Dia “I” na escola, que acontecerá anualmente e mobilizará as famílias dos estudantes e a comunidade.



3º encontro

No terceiro encontro, que os professores da escola realizaram com suas turmas, foi feita a dinâmica denominada “Uma nova percepção”. A atividade é um exercício lúdico/empírico em prol da empatia. Por meio dela, os alunos experimentaram como é ser privado de um determinado sentido ou ter limitações motoras. Eles foram divididos em grupos: o primeiro grupo teve os olhos vendados; o segundo foi impedido de falar; o terceiro não podia se locomover; o quarto foi responsável apenas por observar, sem poder ajudar os colegas. Durante a dinâmica, os grupos tinham de realizar atividades simples, como colocar um caderno sobre a mesa. Realizar a tarefa com as limitações determinadas fez com que os alunos percebessem as dificuldades e as estratégias necessárias para alcançar a meta pretendida.



Avaliação:

A avaliação foi conduzida continuamente durante todo o processo, tanto nos encontros da equipe escolar, tanto na atividade com os alunos. Após a realização de cada encontro, fez-se uma conversa com os participantes sobre os aprendizados do processo. Os resultados indicam que conversar sobre o tema da inclusão e promover atividades que despertem a empatia abre caminho para a construção de práticas educativas mais inclusivas.



HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR

Local: EMEF Praia Grande em Fundão - ES.

Objetivos: (i) Promover a articulação entre família, escola e comunidade no intuito de transformar o espaço escolar, deixando-o mais alegre, colorido, acolhedor e inclusivo; (ii) desenvolver trabalhos coletivos, nos quais os alunos com e sem deficiência e os pais dos estudantes estejam implicados nas tarefas, como pintar, plantar e transformar o ambiente escolar; (iii) desenvolver atitude de respeito perante as diferenças, mediante momentos de interação entre as famílias, alunos e comunidade; (iv) mobilizar alunos, professores e comunidade para cultivar um espaço de produção de alimentos orgânicos.



1º encontro

No primeiro encontro, realizou-se uma reunião com a comunidade escolar para apresentar o projeto. Tal estratégia teve como meta o envolvimento de todos os professores da escola na proposta do Plano de Ação de 2019.

2º encontro

O segundo encontro focou o planejamento e a organização do *Dia da Família na Escola*. Nele, foram realizadas uma sensibilização e uma conversa sobre a importância de estimular a participação das famílias, da comunidade local e dos professores, e sobre a necessidade de que todas as pessoas, com potenciais e limitações as mais diversas, pudessem participar. Depois, foi feita arrecadação de materiais para as atividades e passou-se à mobilização da comunidade educativa.

3º encontro

O *Dia da Família na Escola* marcou o terceiro encontro. Houve a apresentação cultural de um grupo de capoeira, que teve a preocupação de envolver todos os alunos da escola. Na sequência, ocorreram várias ações para a melhoria do espaço escolar. As ações tinham uma regra para acontecer: todas elas, sem exceção, deveriam contar com

a participação de todos, sem deixar ninguém de fora. Então, foram buscadas estratégias, pelos próprios participantes, para que cada um contribuísse à sua maneira.

Dessa forma, ocorreram:

- Pintura dos muros da quadra e demais espaços;
- Revitalização da horta da escola;
- Oficinas de produção de sabão caseiro líquido, pintura em prato, confecção de boneca de pano, artesanato com feltro e de flores em EVA.

O resultado foi que, em todas as atividades, as crianças com deficiência participaram ativamente.

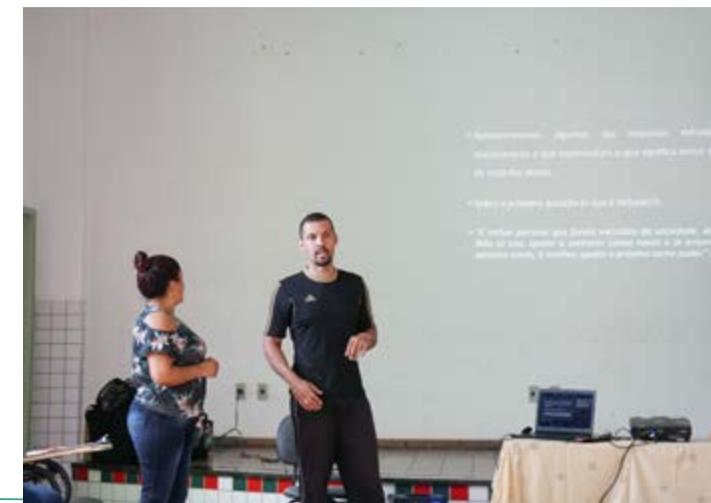
Avaliação:

O evento sociocultural foi muito prazeroso e proveitoso para todos os envolvidos. As famílias participaram, com alegria, de todas as atividades desenvolvidas na escola e as crianças com deficiência tiveram um papel de protagonismo nas ações implantadas.

SENSIBILIZAÇÃO PARA A INCLUSÃO

Local: Escolas Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIF) Vereador Leandro Zinger em Ibirapu – ES.

Objetivos: (i) Sensibilizar a comunidade escolar para a Educação Inclusiva; (ii) produzir coletivamente textos artísticos que tratem do tema; (iii) retomar e implementar a discussão sobre Educação Inclusiva no PPP da escola; (iv) materializar ações de inclusão no cotidiano escolar.



1º e 2º encontros

No primeiro encontro, foi feita uma conversa com os alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental sobre a temática da inclusão. Para estimular a conversa, houve falas de sensibilização sobre o tema e foi feita a exibição de um filme (Extraordinário). A própria abordagem do tema a partir de um filme (que não seria acessível a uma pessoa com deficiência visual, por exemplo) foi problematizada. Além disso, os estudantes foram estimulados a criar textos artísticos refletindo o tema debatido. A seguir, transcrevemos o soneto criado por um dos grupos participantes da atividade:

EXTRAORDINÁRIO

Aggie era uma criança inteligente e esperta

Com seu capacete de astronauta ele brincava

Com sua deficiência não se importava

Em casa sem amigos ele ficava.

Um dia ele percebeu

Que o estudo com a mãe

Não estava ajudando e resolveu

Ir ao colégio de manhã ficar estudando.

Um dia chegou a festa de Halloween na escola

Com o amigo Jack ele brincava

Sem saber que ele o magoava.

Por fim ele foi aceito pelo que é

Sem ser tratado com diferença

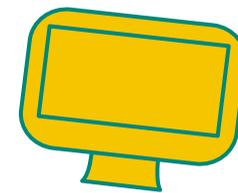
E agradando todos a sua volta com sua gentil presença.

3º encontro

Aplicou-se um questionário com três perguntas aos alunos: O que é *inclusão*? Quais ações realizadas em nossa escola que você entende como *ações inclusivas*? O que nossa escola não faz e você acha de deveria fazer para ser uma *escola inclusiva*? As respostas permitiram um mapeamento sobre como os alunos enxergam a questão da inclusão e quais são suas sugestões para uma educação cada vez mais inclusiva. Alguns depoimentos dos participantes mostraram a riqueza desta atividade de sensibilização. Por exemplo, ao responder a primeira questão, um dos alunos declarou: "Inclusão é incluir pessoas que têm dificuldades. Pessoas que não estão bem, que precisam de ajuda para conviver com os outros para não se sentirem diferentes". Por sua vez, em relação à segunda pergunta, uma aluna acredita que uma das ações inclusivas já praticadas é: "acolher pessoas com deficiência e acolher muito bem os novos alunos". Por fim, destacam-se duas sugestões de diferentes estudantes para que a escola seja inclusiva. Enquanto um dos alunos trouxe um enfoque social e propôs "incluir gente pobre, de favela e de roça", outra estudante recomendou um aprimoramento técnico: "acho que deveria ter mais profissionais para ajudar as pessoas com deficiência e com mais dificuldade. A escola deveria fazer atividades mais legais com essas pessoas para elas interagirem mais".

Avaliação:

A avaliação foi contínua, conduzida, portanto, durante todo o processo, sempre levando em consideração a participação e a elaboração do tema pelos participantes ao longo de todos os encontros. A iniciativa aproximou as turmas da temática da inclusão e permitiu levantar ideias de ações para aprimorar a escola no sentido de se tornar cada vez mais inclusiva.



MAIS CONTEÚDOS PARA PROMOVER PRÁTICAS INCLUSIVAS

A fim de contribuir para a formação de educadores e pessoas interessadas no tema de práticas inclusivas, são apresentadas a seguir uma lista de filmes, sites de pesquisa e leituras que problematizam o tema da inclusão ou abordam os desafios das pessoas com deficiência ou transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Esperamos que o material seja uma fonte de inspiração para práticas inclusivas!

FILMES

O cinema, também conhecido como a sétima arte, tem a capacidade de transportar o ser humano para outras realidades. Além disso, a linguagem audiovisual traz como vantagem a possibilidade de ser usada como um recurso para potencializar a reflexão e a articulação de conhecimentos nos processos de ensino-aprendizagem. A coletânea de filmes a seguir, organizados por temas, traz para o debate as demandas das pessoas com deficiências.

Deficiência Física

- Amargo Regresso (1978)
- As Sessões (2012)
- Carne Trêmula (1997)
- Dr. Fantástico (1964)
- Espíritos Indômitos (1950)
- Feliz Ano Velho (1987)
- Ferrugem e Osso (2012)
- Gaby, Uma História Verdadeira (1987)
- Intocáveis (2011)
- Johnny Vai à Guerra (1971)
- Mar Adentro (2004)

- Marcas do Destino (1985)
- Meu Pé Esquerdo (1989)
- Nascido em 4 de Julho (1989)
- O Homem Elefante (1980)
- O Óleo de Lorenzo (1992)
- Os Melhores Dias de Nossas Vidas – Inside l’m Dancing (2004)
- Paixão e Glória – Murderball (2005)
- Uma Janela para o Céu -The Other Side of the Mountain (1975)

Deficiência Visual

- A Pessoa é Para o que Nasce (2005)
- À Primeira Vista (1999)
- A Sinfonia Pastoral – La Symphonie Pastorale (1946)
- Além dos Meus Olhos (1987)
- Castelos de Gelo (1978)
- Dançando no Escuro (2000)
- Demolidor (2003)
- Eu Não Quero Voltar Sozinho (2010)
- Jennifer 8 – A Próxima Vítima (1992)
- O Sino de Anya (1999)
- Perfume de Mulher (1992)

- Quando Só o Coração Vê (1965)
- Ray (2004)
- Um Clarão nas Trevas (1967)
- Vermelho Como o Céu (2006)

Deficiência Auditiva

- A Dançarina - The Dancer - La Danseuse (2016)
- A Música e o Silêncio (1996)
- Adorável Professor - Mr. Holland (1995)
- Black (2005)
- E Seu Nome é Jonas - And Your Name is Jonah (1979)
- Filhos do Silêncio - Children of a Lesser God (1986)
- Los Amigos (1973)
- Nada que Eu Ouça - Sweet Nothing in My Ear (2008)
- Nunca é Tarde - And Now Tomorrow (1944)
- O País dos Surdos (1992)
- O Piano (1993)
- O Segredo de Beethoven (2006)
- Por Amor - Personal Effects (2009)
- Querido Frankie – Dear Frankie (2004)
- Tortura Silenciosa (1993)
- Zona Exclusiva - Cop Land (1997)

Deficiência Intelectual

- A História de Um Diferente - City Down (2011)
- Benny & Joon: Corações em Conflito (1993)
- Brilhante - Shine (1996)
- Colegas (2012)
- Dominick e Eugene (1988)
- Eu me Chamo Elisabeth (2006)
- Forrest Gump - O Contador de Histórias (1994)
- Meu Nome é Radio (2003)
- O Enigma de Kaspar Hauser (1974)
- O Guardião de Memórias (2008)
- O Oitavo Dia (1996)
- O Primeiro da Classe - Front of the Class (2008)
- Os Melhores Dias de Nossas Vidas - Inside l’m Dancing (2004)
- Simples Como Amar – The other sister (1999)
- Uma Lição de Amor – I am Sam (2001)

Deficiência Múltipla

- Amy (2015)
- Black (2005)
- Borboletas de Zagorsk (1990)

- Cegos, Surdos e Loucos (1989)
- Experimentando a Vida (1999)
- Helen Keller em sua História - Helen Keller in Her Story (1954)
- O Escafandro e a Borboleta (2007)
- O Milagre de Anne Sullivan – The Miracle Worker (1962)
- Sob Suspeita (1987)
- Uma Lição de Amor (2001)

Autismo

- A Lenda do Pianista do Mar (1998)
- A Menina e o Cavalo (1983)
- A sombra do Piano (1995)
- Adam (2019)
- Arthur e o Infinito: Um Olhar Sobre o Autismo (2012)
- Autismo: O Musical (2008)
- Ben X: A Fase Final (2007)
- Código para o Inferno (1998)
- Encontro de Irmãos - Rain Man (1988)
- Experimentando a Vida (1999)
- Gilbert Grape: Aprendiz de Sonhador (1993)
- Loucos de Amor - Mozart and the Whale (2005)

- Mary e Max: Uma Amizade Diferente (2009)
- Meu Amargo Pesadelo (1972)
- Meu Filho, Meu Mundo – Son-Rise: a Miracle of Love (1979)
- Meu Nome é Khan (2010)
- O Garoto que Podia Voar (1987)
- O Nome Dela é Sabine (2007)
- Oceano no Céu - Ocean Heaven (2010)
- Prisioneiro do Silêncio (1994)
- Ressurreição (2016)
- Retratos de Família (2005)
- Sei que Vou te Amar (2007)
- Tão Forte, Tão Perto (2011)
- Temple Grandin (2010)
- Testemunha do Silêncio (1994)
- Um Amigo Inesperado (2006)
- Um Certo Olhar (2006)
- Um Time Especial (2011)
- Uma Viagem Inesperada (2018)
- Vida Animada - Life Animated (2016)
- White Frog (2012)

LITERATURA

A literatura também tem a capacidade de fazer o ser humano viajar para outros universos sem sair do lugar. A série de títulos apresentados adiantes – organizados pela faixa etária recomendada – levantam questões relevantes para os temas da inclusão e da educação inclusiva.

Infantil

- A felicidade das borboletas (Patrícia Secco)
- O livro negro das cores (Menena Cottin e Rosana Faría)
- O passarinho que não sabia voar (Fabiano dos Santos)
- Olívia não quer ser princesa (Ian Falconer)
- Poá (Marcelo Moreira)
- Quem sou eu? (Gianni Rodari)
- Rodrigo enxerga tudo (Markiano Charan Filho)
- Tudo bem ser diferente (Todd Parr - tradução de Marcelo Bueno)
- Um mundinho para todos (Ingrid Biesemeyer Bellinghausen)

Infanto-juvenil

- Pai, me compra um amigo? (Pedro Bloch)
- Um Guri Daltônico (Carlos Urbim)

Adulto

- O que é que ele tem? (Olívia Byington)
- O menino só (Andrea Viviana Taubman, Anielizabeth)

LIVROS TÉCNICOS

A seguir, você encontra uma rica lista de referências bibliográficas sobre inclusão, deficiências e temas relacionados. Os livros foram organizados por temas e podem ser utilizados para aprofundar o conhecimento sobre tópicos específicos, para o planejamento de atividades e até para o uso em sala de aula.

Deficiências e inclusão

- AINSCOW, M. Necessidades especiais na sala de aula – Um guia para a formação de professores. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Edições UNESCO, 1998.
- ALCUDIA, R. et al. Atenção a diversidade. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- ANDRÉ, M. (Org.) Pedagogia das diferenças na sala de aula. Campinas: Editora Papiros, 1999.
- AQUINO, J. G. (Org.) Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.
- ARANTES, V.A. (Org.) Inclusão escolar. São Paulo: Summus, 2006.

- BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. Um olhar sobre a deficiência. Campinas: Papirus, 1998.
- CARVALHO, R. E. Educação inclusiva com os pingos nos Is. 2. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- COSTA, V. A. da.; CARVALHO, M. B. W. B. de; MIRANDA, T. & DAMASCENO, A. (Orgs.) Políticas públicas e produção do conhecimento em educação inclusiva. Niterói: Intertexto, 2011.
- COSTA, V. A. da. Os processos de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais: políticas e sistemas. Rio de Janeiro: UNIRIO/CEAD, 2007.
- CROCHÍK, José Leon. Preconceito, indivíduo e cultura. São Paulo: Robe, 1997.
- DAMASCENO, A. R.; SANTOS, M. P. dos (Org.). Dossiê: da inclusão que temos à inclusão que queremos. 1. ed. Rio de Janeiro: ABRACE, 2016.
- DAMASCENO, A. R. Educação inclusiva e a organização da escola: perspectivas críticas e desafios políticos do projeto pedagógico. 1ª. ed. Rio de Janeiro: ABRACE, 2015.
- GOFFREDO, V. F. S. de. Fundamentos da educação especial. Rio de Janeiro: UNIRIO/CEAD, 2007.
- GLAT, R. (Org.). Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

- _____. (Org.) O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MAZZOTTA, M. J. S. Educação especial no Brasil – História e políticas públicas. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- MITTLER, P. Educação inclusiva: Contextos Sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PALHARES, M. & MARINS, S. (Orgs.). Escola inclusiva. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- RODRIGUES, D. Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.
- STAINBACK, S. STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- SAWAIA, B. (Org.). As Artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes. 1999
- SKLIAR, C. (Org.) Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1999.

Deficiência Física

- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educacionais especiais e aprendizagem escolar. Vol.3 Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GONZÁLEZ, E. (Org.). Necessidades educacionais específicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.

- SMITH, D. D. Introdução à educação especial: ensinar em tempos de inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Deficiência Visual

- AMORIN, C. M. A. de & ALVES, M. G. A criança cega vai à escola: preparando para alfabetização. Fundação Dorina, 2008.
- LIMA, E. C.; NASSIF, M. C. M. e FELLIPE, M. C. G. C. Convivendo com a baixa visão: da criança à pessoa idosa. Fundação Dorina, 2008.
- GONZÁLEZ, E. (Org.). Necessidades educacionais específicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SMITH, D. D. Introdução à educação especial: ensinar em tempos de inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Deficiência Auditiva

- GOES, M. C. R. de. Linguagem, Surdez e Educação. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição humana numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo, SP: Plexus: 1997.
- GONZÁLEZ, E. (Org.). Necessidades educacionais específicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SKLIAR, C. A Surdez: um Olhar sobre as Diferenças. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SMITH, D. D. Introdução à educação especial: ensinar em tempos de inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Deficiência Intelectual

- AMERICAN ASSOCIATION ON MENTAL RETARDATION. Retardo mental: definição, classificação e sistemas de apoio. Tradução por Magda França Lopes. 10. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GONZÁLEZ, E. (Org.). Necessidades educacionais específicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- SMITH, D. D. Introdução à educação especial: ensinar em tempos de inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Autismo

- CAVALCANTE, A. E. C., ROCHA, P. S. Autismo. 2. Ed. São Paulo – Casa do Psicólogo, 2002.
- COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educacionais especiais – volume 3. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.
- CUNHA, E. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- FONSECA, B. Mediação escolar e autismo: a prática pedagógica intermediada na sala de aula. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2014.
- GRANDIN, T. O Cérebro Autista- pensando através do espectro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.
- MELLO, A. M. S. R. Autismo: Guia prático. 3. Ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2004, 93p.

- ORRÚ, E. S. Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- _____. Autismo: o que os pais devem saber? Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- SCHWARTZMAN, J. S.; ARAÚJO, C. A. de. Transtornos do espectro do autismo. São Paulo: Memnon, 2011
- SUPLINO, M. Currículo Funcional Natural: guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental. SEDH/PR, 2005.

SITES PARA PESQUISA

Caso queira saber ainda mais sobre a inclusão no âmbito escolar ou educacional, acesse os sites a seguir de organizações que orientam professores, educadores, pais e familiares de pessoas com deficiência.

- **ABPEE – Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial:**
<https://abpee.net/>
- **Acessibilidade Brasil:**
<http://www.acessobrasil.org.br/>
- **Autismo e Realidade:**
<https://autismoerealidade.org.br/convivendo-com-o-tea/cartilhas/>
- **Bengala Legal:**
<http://www.bengalalegal.com/>

- **Casadaptada:**
<https://casadaptada.com.br/>
- **Catálogo de Publicações – Ministério da Educação:**
<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/192-secretarias-112877938/seesp-esducao-especial-2091755988/12625-catalogo-de-publicacoes>
- **Centro Ann Sullivan Brasil Ribeirão Preto:**
<http://annsullivan.org.br/>
- **Compartilha**
<https://cms.ua.pt/compartilha/node/693>
- **Diversa – Educação Inclusiva na prática**
<https://diversa.org.br/noticias/>
- **INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos**
<http://www.ines.gov.br/>
- **Instituto Benjamin Constant**
<http://www.ibr.gov.br/>
- **LATECA – Laboratório de Tecnologia Assistiva/Comunicação Alternativa**
<http://www.lateca-uerj.net/>
- **LEPED – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença**
<https://www.leped.fe.unicamp.br/>
- **LEPEDI – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação, Diversidade e Inclusão**
<https://lepedi-ufrrj.com.br/>

- **Movimento Down**
<https://www.movimentodown.org.br/educacao/educacao-e-sindrome-de-down/>
<https://sites.google.com/site/tecnologiaassistivacombr/>
- **NIEE – Núcleo de Informática na Educação Especial**
<http://www.ufrgs.br/niee/>
- **Portal Aragonês de Comunicação Aumentativa e Alternativa**
<http://www.arasaac.org/>
- **TDAH – Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA)**
<https://tdah.org.br/br/dicas-sobre-tdah/dicas-para-educadores/>
- **Tecnologia Assistiva**
<https://sites.google.com/site/tecnologiaassistivacombr/>



Secretaria Municipal de Educação de *Cidade*
Coordenação de Educação Especial
Fundação Vale

Produção de "Objetos de Aprendizagem" (Material Didático-Pedagógico) para o público-alvo da Educação Especial

Autores: *Nomes*

Cidade
Mês, 2019

Objetivo:

Metodologia:

Previsão de Custos:

Referências:



Secretaria Municipal de Educação de *Cidade*
- Estado
Nome da Escola
SEMED
Coordenação de Educação Especial
Fundação Vale

Produção de Atividade: *Título*

Autores: *Nomes*

MUNICÍPIO do Espírito Santo

Mês, 2019

ATIVIDADE:	DATA:	
TEMPO: () 30' () 45' () 50' () 55' () 1h () _____	PÚBLICO-ALVO:	
LOCAL:		
TEMA:		
CONTEÚDO ESPECÍFICO DO PPP A SE TRABALHAR:		
OBJETIVOS:		
DISTRIBUIÇÃO DO(S) ENCONTRO(S):	AÇÕES/ATIVIDADES:	RECURSOS:
1º		
2º		
3º		
AVALIAÇÃO		

REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. "Tornar a educação inclusiva: como esta tarefa deve ser conceituada?". In: Fávero, Osmar *et al.* (Org.). **Tornar a educação inclusiva**. Brasília: Unesco, 2009, p. 11-23.

BATISTA, Cristina Abranches Mota. **Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/defmental.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2019.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index para a inclusão: desenvolvimento a aprendizagem e a participação na escola**. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Produzido pelo LaPEADE, 2002

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/Secretaria de Educação Básica. –Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais**. Brasília: MEC, 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/serie4.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SECADI, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 9 dez. 2019.

BRASIL. **Estatuto da pessoa com deficiência**. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Presidência da República. Secretaria-geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2015 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 9 dez. 2019.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo**. Presidência da República. Secretaria-geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em: 9 dez. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**. Brasília, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192. Acesso em: 9 dez. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em: 9 dez. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais**. Brasília: MEC, SEESP, 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/serie4.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2019.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez**. Brasília: SEESP, SEED, MEC, 2007.

MANZINI, Eduardo José; SANTOS, Maria Carmem Fidalgo. **Portal de ajudas técnicas para educação**. 2006.

SÁ, Elizabeth; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz. **Atendimento Educacional Especializado: deficiência visual**. Brasília: SEESP, SEED, MEC, 2007.

SCHIRMER, Carolina R. *et al.* **Atendimento Educacional Especializado: deficiência física**. Brasília: SEESP, SEED, MEC, 2007.

FUNDAÇÃO VALE

PRESIDÊNCIA CONSELHO DE CURADORES

Luiz Eduardo Osorio

PRESIDÊNCIA

Hugo Barreto

GERÊNCIA

Pâmella De-Cnop

EQUIPE

Andreia Prestes

Claudia Lopes

Fernanda Fingerl

Lívia Zandonadi

Marcus Finco

Mariana Pedroza

VALE

DIRETORIA EXECUTIVA SUSTENTABILIDADE, COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Luiz Eduardo Osorio

DIRETORIA DE SUSTENTABILIDADE E INVESTIMENTO SOCIAL

Hugo Barreto

GERÊNCIA EXECUTIVA DE INVESTIMENTO SOCIAL, CULTURA E INOVAÇÃO

Flavia Constant

ASSOCIAÇÃO IMAGEM COMUNITÁRIA

EQUIPE DO PROJETO EDUCAÇÃO INCLUSIVA – IBIRAÇU E FUNDÃO - ES

Karla Damiani (coordenação técnica)

Henrique Caixeta

Jessica Caldeira

Kênia Chagas

Luísa Camargos

Lucas Leles

Marco Chagas

Nathállia Vargens

Valéria Fileto

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Allan Damasceno

Carlos de Castro

Henrique Caixeta

Jessica Caldeira

Karla Damiani

Vanessa Costa

REVISÃO

Jessica Caldeira

Mariana Pedroza

Rafaela Lima

Vanessa Costa

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Jessica Caldeira

Kênia Chagas (apoio)

Luísa Camargos (apoio)

PROJETO GRÁFICO

Priscila Justina

ILUSTRAÇÃO

Brenda Laura (personagens)

Jéssica Kawaguiski (identidade visual das salas)

FOTOS

Arquivo AIC

DIAGRAMAÇÃO

Brenda Laura

Iniciativa:

FUNDAÇÃO VALE



Parceria:



PREFEITURA MUNICIPAL DE
IBIRACÚ



Apoio Técnico:

